Luta de Classes

Jornal da Esquerda Marxista

Nº 27

07 de dezembro a 08 de fevereiro/2010

R$ 3,00

Pela reconstrução da 4ª Internacional

"A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores" (Karl Marx)

FÁBRICA OCUPADA DÁ EXEMPLO E CONSTRÓI A UNIDADE

Seminário na Flaskô avança na luta por sua Estatização e pela Re-estatização das empresas privatizadas e nacionalização total do Petróleo

Leia nas págs. 2 e 3

EDITORIAL

2009: Um ano de crise, de lutas e de contradições não resolvidas

Pág. 3

CRISE

Como a crise se desenvolve. O mercado financeiro, gira cada vez mais em falso...

Pág. 5

PARTIDO

PED: primeiros elementos de um balanço vitorioso da intervenção dos marxistas

Pág. 10

INTERNACIONAL

Povo hondurenho combate a farsa eleitoral dos golpistas

Pág. 20

www.marxismo.org.br

QUEM SOMOS E PELO QUE LUTAMOS?

A Esquerda Marxista é uma organização política que luta pelo socialismo. Somos a seção brasileira da Corrente Marxista Internacional - CMI, presente em mais de 30 países. Estamos ao lado dos trabalhadores e da juventude em suas batalhas do dia-a-dia rumo à sua emancipação. Juntos com os trabalhadores, ocupamos fábricas (Cipla, Interfibra, Flaskô e tantas outras). Na defesa dos postos de trabalho e direitos, desde 2002 construímos o Movimento das Fábricas Ocupadas na luta pela estatização sob controle operário, resistindo aos duros golpes, como a intervenção a mando do governo federal na Cipla e Interfibra.

Estamos com os trabalhadores rurais sem-terra e os sem-teto nas lutas por terra e moradia. Estamos nos sindicatos, na CUT, combatendo pelas reivindicações dos trabalhadores, contra os pelegos e os divisionistas. Impulsionamos o Movimento Negro Socialista, que tem papel destacado na luta contra o racismo e o racialismo – contra a divisão do povo trabalhador brasileiro em "raças". E com a Juventude Revolução – organização de jovens da EM – estamos na luta da juventude por seus direitos e por um futuro digno; organizando a luta pelo passe-livre e por vagas para todos nas universidades públicas.

Somos uma corrente do Partido dos Trabalhadores, uma corrente que não se furta a combater a coalizão de Lula com a burguesia e a degeneração do partido, dessa forma nos ligamos aos milhares de petistas que continuam fiéis à sua classe e que não se esqueceram dos motivos pelos quais o PT foi fundado.

VITORIOSO SEMINÁRIO NA FLASKÔ

Mesa do Seminário: Sebastião - MST, Danilo - Sind. Petro/SP, Hebert - Sind. Metal SJC, Alexandre - Advogado da Flaskô, Renato Simões - PT, Pedro Santinho - Conselho de Fábrica Flaskô, Serge Goulart - Movimento de Fábricas Ocupadas, Sergio Novaes - CNQ/CUT, Faustão - CUT, Cynthia - MNDH, Marcela - PSOL, Cancela - Sindpetro/RJ (não aparece na foto)

Realizou-se na Flaskô, no ultimo dia 28 de novembro, com 150 participantes, o Seminário dos Trabalhadores em defesa da estatização da fábrica ocupada pelos trabalhadores, em defesa da Re estatização da Embraer e Vale Rio Doce, das Ferrovias e pelo monopólio estatal da Petrobrás, do petróleo, do gás e de todo o Pré-Sal, em defesa dos empregos.

O Seminário foi aberto perto das 10 horas no espaço esportivo da Fábrica de Cultura e Esportes da Flaskô onde a Associação Dib ensina suas múltiplas atividades esportivas e educacionais, voltadas para os moradores de Sumaré e região.

A composição da mesa por si só indicava a magnitude do Seminário, que, realizando a Frente Única Operária pode dar os passos necessários para avançar nas lutas em torno das quais o seminário foi organizado.

O conjunto das entidades e personalidades ali presentes demonstra a força de atração da luta da Flaskô e a magnitude do Seminário. Basta verificar a lista abaixo e constatamos o largo espectro de unidade conseguida:

Serge Goulart, Coordenador Nacional do Movimento da Fábricas Ocupadas/Brasil; Pedro Santinho, Coordenador do Conselho da Fábrica Ocupada Flaskô; representando a CNQ o companheiro Sergio Novaes, Faustão pela Direção Nacional da CUT; Herbert, vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos/Conlutas; Renato Simões da Secretaria Nacional de Movimentos Sociais do PT; Cynthia, dirigente da Coordenação Nacional do Centro de Direitos Humanos; Marcela Moreira, Diretório Estadual do PSOL de São Paulo; Instituto Cultural Voz Ativa; Emanuel Cancella, Secretário Geral do Sindicato dos Petroleiros do Rio de Janeiro e da FNP; Danilo, do Sindicato dos Petroleiros do Estado de São Paulo; Adel Daher Filho, pelo Sindicato dos Ferroviários de Bauru, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul; Alexandre Mandl, Advogado do Movimento das Fábricas Ocupadas; e o companheiro Sebastião do MST.

No plenário estavam presentes dezenas de jovens vindos de diferentes Universidades. A Juventude Revolução da Esquerda Marxista, a ex-vereadora Marcela, o DCE e CAs da UNICAMP, o ITCP, CA. da Filosofia da USP, UMES São Bernardo do Campo, Movimento 27 de Março (trabalhadores da cultura), UEE-SP, movimentos de cooperativados, o vereador Dito Lustosa - PCdoB - Sumaré, além de moradores da Vila Operária e um representativo grupo de trabalhadores da FLASKÔ.

Abrindo os debates falou o companheiro Serge Goulart, que fez um vibrante e conciso relato das lutas que originaram o Movimento das Fábricas Ocupadas quando ocorreram as ocupações da CIPLA e Interfibra em Joinville. Indicou que as ocupações em luta pela estatização transformaram-se em algo inaceitável para os patrões, pois os trabalhadores demonstraram que é possível construir uma sociedade sem patrões, reduzindo a jornada de trabalho para 36 horas sem redução dos salários. Para ele, isso tudo tornou-se insuportável para os patrões e levou à tomada militar das fábricas pelas tropas da Policia Federal em maio de 2007. Mas o exemplo dessa luta permanecerá para sempre na memória dos trabalhadores e segue vivo na resistência heróica dos trabalhadores da Flaskô. Destacou ainda a necessidade de construir a unidade na ação entre todo movimento dos trabalhadores, contra a criminalização dos dirigentes das fábricas ocupadas, e que essa unidade, representada ali na mesa, deveria ampliar-se para garantir a Re-estatização da Vale e Embraer, bem como impor o monopólio estatal sobre o petróleo, o Pré-sal e pela estatização da Flaskô.

Comparou a luta das ocupações com uma brasinha cheia de cinzas por cima, que parece estar apagada, que quando soprada voltará a produzir a chama que se espalhará para todas as fábricas.

Sergio Novaes fez uma importante intervenção, reproduzimos alguns trechos:

"Temos uma decisão do congresso

ASSINE: LutadeClasses

Jornal da Esquerda Marxista - Pela reconstrução da 4º Internacional
12 Nºs R$ 30,00 - 12 Nºs R$ 50,00 solidário
Rua Tabatinguera, 326 cj. 11 - Centro - São Paulo, SP - CEP: 01020-000 Fone: (11)3101-8810
jornal@marxismo.org.br - home: www.marxismo.org.br

Faça contato com a Esquerda Marxista
contato@marxismo.org.br

Alagoas: al-contato@marxismo.org.br
Brasília: df-contato@marxismo.org.br
Minas Gerais: mg-contato@marxismo.org.br
Mato Grosso: mt-contato@marxismo.org.br
Mato Grosso do Sul: ms-contato@marxismo.org.br
Paraíba: pb-contato@marxismo.org.br
Pernambuco: pe-contato@marxismo.org.br
Paraná: pr-contato@marxismo.org.br
Rio de Janeiro: rj-contato@marxismo.org.br
Rio Grande do Sul: rs-contato@marxismo.org.br
Santa Catarina: sc-contato@marxismo.org.br
São Paulo: sp-contato@marxismo.org.br

FECHA O ANO COM CHAVE DE OURO

da CNQ: nós precisamos de atitudes concretas no que diz respeito aos processos de criminalização, os antigos donos estão tranqüilos e temos que responsabilizá-los. Temos que aprofundar a discussão na CUT para dar passos práticos.... Vocês tem o compromisso da CNQ de ajudar nos processos, na matéria prima, para revitalizar esta grande luta, isso aqui deve ser um pólo de visitas para nossas comissões de fabricas... isto é o melhor curso de formação para a base... vendo esta luta...ela é o oxigênio para continuarmos no movimento sindical".

> as ocupações em luta pela estatização se transformaram em algo inaceitável para os patrões, pois os trabalhadores demonstraram que é possível construir uma sociedade sem patrões

Emanuel Cancella abriu sua fala com a seguinte saudação:

"Queria saudar os operários no tratamento que estão dando a esta fábrica, desde a redução da jornada de trabalho para 30 horas até a criação da Fábrica de Cultura, isto é um projeto revolucionário, por isso nossa solidariedade a esta luta". E falando sobre a luta em defesa da nacionalização do petróleo declarou: "Devemos abrir uma grande campanha contra a privatização do estado, em defesa da presença do estado em todos os setores da economia.

A Petrobras a partir de seus trabalhadores desenvolveu tecnologia e descobriu o pré sal.

Nos movimentos sociais temos uma tese: todo o petróleo, do Pré-sal ou não, tem que ser todo do Brasil... a constituição diz que todo o subsolo é da União."

Danilo Ferreira da Silva companheiro petroleiro, da direção de seu sindicato, com grande emoção disse:

"As criminalizações estão por toda a parte. Nós temos mais de 100 trabalhadores punidos e a Petrobras quer oferecer meia anistia...", e falando sobre o petróleo explica que: "...no governo Lula os leilões do Petróleo intensificaram-se e leilão é privatização."

Hebert dos metalúrgicos de SJC prestou um rico depoimento:

"...eu contei aos trabalhadores da EMBRAER sobre a experiência da Flaskô, expliquei como na prática seria a jornada de 30 horas, como vocês tem aqui, vi na expressão deles e no pensamento deles, a imaginação de cada um de como seria se eles trabalhassem também 30 horas, hoje eles trabalham 43 horas na EMBRAER.... entendemos que a luta que temos que levar é pela Re-estatização da Embraer."

O companheiro Renato Simões do PT fez o plenário tremer de emoção quando declarou:

"... quero parabenizar os companheiros da Flaskô... em muitas oportunidades de crise na Cipla e na Flaskô, dialogando com os companheiros da Esquerda Marxista nós e muitos setores da esquerda no Brasil tínhamos dúvidas sobre a viabilidade de colocar o tema da Re-estatização como um tema estratégico para a luta em relação ao desemprego. Ocorreram muitas experiências de autogestão, de cooperativas de trabalhadores administrando as empresas, e acompanhamos muitas em Franca, em São Paulo, mas a dúvida foi resolvida pela historia... hoje o tema da Re-estatização e da estatização de fábricas já esta colocado pela própria crise do capital. Eu os parabenizo pelo fato de que vocês não abriram mão desta perspectiva, ainda que a correlação de forças anterior não fosse de uma perspectiva imediata...isto abre caminho para muitas questões novas... nós precisamos construir a transição da crise do capital para a alternativa socialista".

Perdoem-nos os leitores, mas no espaço que dispomos não podemos relatar o conjunto das falas. Elas serão reproduzida e divulgadas no blog da Flaskô www.defenderaflasko.blogspot.com.

Serge Goulart fez a fala de encerramento apresentando um conjunto de propostas que foram construídas a partir dos debates fraternos e leais ali realizados.

Ao final foi tocado e cantado o Hino da Internacional. Todos de punhos erguidos e com mais vontade para prosseguir a luta!

Alexandre, ladeado por Hebert e Pedro Santinho

PROPOSTAS CONCENSUADAS NO SEMINÁRIO

1. Organização de uma coordenação com os componentes da mesa para dar prosseguimento às campanhas que desenvolveremos em nossas bases.
2. Apoiar o projeto de lei de anistia contra as medidas que pretendem criminalizar o movimento das fábricas ocupadas, em particular Pedro Santinho, Serge Goulart, Carlos Castro e Chico Lessa, e ampliar o debate de uma lei pela anistia à todas as perseguições dirigidas contra os movimentos sociais e sindicalistas.
3. Apoiar um projeto de lei federal pela estatização da fábrica ocupada Flaskô. (em elaboração pelos trabalhadores)
4. Apoio ao projeto de lei municipal pela declaração de utilidade pública de todos os bens moveis e imóveis da Flaskô, sobretudo tendo em vista o caráter social da luta, a existência da Vila Operária e da Fábrica de Cultura e Esportes
5. Participar e preparar o Encontro Mundial de Trabalhadores de Fábricas Recuperadas na Argentina para o final de 2010.
6. Participar da preparação das sessões nacionais do Tribunal Internacional contra a Criminalização dos Movimentos Sociais.
7. Impulsionar desde a base, nas escolas, nas fábricas e nos bairros a campanha pela Petrobras 100% estatal e todo o Pré-sal
8. Impulsionar a campanha pela Reestatização da Embraer, denunciando a continuidade das demissões com dinheiro público do BNDES
9. Prestar toda solidariedade à luta dos ferroviários, contra as demissões pela readmissão dos demitidos, retomar a discussão sobre revitalização e Re-estatização das Ferrovias.

2009: Um ano de crise, de lutas e de contradições não resolvidas

Vidreiros e Flaskô, marxistas na classe operaria

Para a classe operária foi um ano difícil. Para a burguesia foi um ano de medo, de ataque às conquistas dos trabalhadores e uma farra com o dinheiro público. A classe trabalhadora resistiu às conseqüências da crise. Só não fizeram mais porque a maioria dos dirigentes das organizações de massa que a classe reconhece como suas se empenhou em salvar o capitalismo.

Os trabalhadores, em vários países, saíram às ruas para defender seus direitos e realizaram atos, manifestações, greves e ocupações. A burguesia mundial, apoiada pelos diferentes governos, recebeu polpudas somas para tentar se safar da crise, mas apesar disso o capitalismo não pára de acumular as contradições que mais adiante explodirão de modo ainda mais agudo.

O imperialismo, agora com a cara de Obama no comando, segue sua rota sangrenta no Iraque e Afeganistão, apoiando a opressão e massacre do povo Palestino realizado pelo governo sionista-racista de Israel, apoiando disfarçadamente o golpe em Honduras, armando seu exército em todo o mundo (agora com mais bases militares na Colômbia), ameaçando os povos e principalmente a revolução Venezuelana.

> Há uma enorme resistência contra as conseqüências da sobrevivência do regime da propriedade privada dos grandes meios de produção

Há uma enorme resistência contra as conseqüências da sobrevivência do regime da propriedade privada dos grandes meios de produção. A Venezuela representa o posto mais avançado desta luta da classe e no Congresso do PSUV os trabalhadores procuram se agrupar para varrer o estado burguês, os capitalistas e a burocracia "bolivariana" e abrir caminho ao socialismo.

Na China revoltas violentas se chocaram com a burocracia do PCCh que destruiu as conquistas da revolução e restaurou o capitalismo. Na Grécia, França e Itália ocorreram poderosas mobilizações e Greves Gerais.

A Esquerda Marxista do PT, combatendo pela independência de classe e pelo socialismo, sustentou firmemente a bandeira e o combate para que Lula e o PT rompam com a política de colaboração de classes, e defendendo uma CUT independente e socialista conquistou um posto na sua Direção Nacional. A Esquerda Marxista reforçou sua implantação no movimento sindical com vitórias em vidreiros, ferroviários e professores.

A Esquerda Marxista desempenhou lugar insubstituível no combate contra o reacionário Estatuto Racial (que tem na sua origem a política da Fundação Ford) que quer dividir a classe e o povo brasileiro. Até agora a frente de ONGs, do governo federal, da direita e da esquerda domesticada, ainda não conseguiu aprovar esta monstruosidade no Congresso.

Avançamos na construção de nossa juventude conquistando novas posições no movimento estudantil. Participamos, incentivamos e convocamos eventos internacionais dentre os quais destacamos o 2º Encontro Latino Americano de Fábricas Recuperadas por Trabalhadores. Estivemos presentes nas lutas contra o Golpe em Honduras e em solidariedade ao Povo Palestino.

Realizamos várias Universidades Vermelhas, Escolas de Secretários, Escola de Quadros, pois sabemos que sem a teoria revolucionária e marxista não seremos capazes de construir dirigentes revolucionários e uma organização enraizada na classe operária.

Nossa atuação no PT com uma política marxista voltada para os interesses fundamentais da classe trabalhadora nos permitiu um excelente desempenho nas eleições internas, o PED. Avançamos nossa construção através do PT em inúmeros estados ampliando nacionalmente nossa base.

Nossa plataforma política esteve permanentemente concentrada na exigência de que o PT e Lula rompam com a burguesia e seus partidos, para assim abrir caminho para a construção de um verdadeiro governo dos trabalhadores das cidades e do campo e atender o conjunto das reivindicações operárias e populares.

Realizamos nossas campanhas financeiras, vendemos nossa imprensa, que junto com as contribuições dos militantes, constituem a pedra de toque de nossa independência frente à burguesia, governos e estado. E nos orgulhamos de que neste ano alcançamos o equilíbrio financeiro de nosso Jornal Luta de Classes.

Mas, certamente destaca-se dentre todos esses nossos combates, a luta heróica dos nossos camaradas e trabalhadores da FLASKÔ, que completam seis anos e meio ocupando a fábrica, mantendo-a sob o controle dos trabalhadores e perseguindo permanentemente a sua estatização.

O magnífico Seminário em Defesa da Flaskô realizado na fábrica ocupada, no dia 28 de novembro, reunindo a CUT Nacional, a CNQ, o Sind. Petro-RJ, o Sind. Petro-SP, o Sind. dos Metalúrgicos de São José dos Campos, o Sindicato dos Ferroviários de Bauru, o Movimento Nacional de Direitos Humanos, a Secretaria Nacional de Movimentos Populares do PT, e diversas outras forças expressivas do movimento sindical e da esquerda, assumiu o compromisso de continuar a luta contra a criminalização dos dirigentes do Movimento das Fábricas Ocupadas, pela estatização da Flaskô, pela Re-estatização da Embraer, da Vale, das Ferrovias e de todas as empresas privatizadas assim como pela readmissão de todos os demitidos. O Seminário especialmente abraçou a luta em defesa de uma Petrobrás 100% Estatal com todo o Pré-Sal.

Formação foi prioridade: Escola de Quadros

Agora a EM está preparando seu 28º Congresso, que será antecedido pela Escola Nacional de Quadros. Nestas atividades os marxistas, que acumularam inúmeras vitórias neste ano, discutem e preparam as lutas de 2010 mantendo seu eixo de atividade e construção firmemente ancorado na classe operária e na juventude sob a bandeira vermelha da luta pelo socialismo.

Esquerda Marxista levanta a bandeira contra as demissões na Marcha da CUT

Como a crise se desenvolve

As bolsas, o mercado financeiro, giram cada vez mais em falso...

Luiz Bicalho
luizbicalho@gmail.com

O DÓLAR, O REAL E O OURO

Recentemente, o artigo de um economista elogiava o Presidente Lula por ter recomendado que todos consumissem durante a crise e que isso impediu a crise de chegar tão forte ao Brasil, e que essa atitude do presidente foi louvável, contrária a todas as outras atitudes. Tal afirmação, na realidade, compartilha filosoficamente com a chamada teoria da moeda "fiduciária[1]", na qual o valor da moeda seria dado pela confiança nela depositada, e não pela sua relação com outras mercadorias. As duas afirmações são falsas, impedem que possamos ver como a crise se desenvolve e quais seus próximos desdobramentos. Nós iremos demonstrar isso brevemente.

O VALOR DA MOEDA

A moeda era, inicialmente, um peso em ouro ou prata cunhada pelo rei ou senhor feudal. A "cunhagem", ou seja, dar um formato e um selo a uma determinada quantidade (peso) de ouro ou prata ajudava no comércio, que não necessitava de balanças ou discussões sobre pesos para saber o valor de determinada moeda. A "moeda" deixa de ser ouro ou prata, no decorrer da idade média e particularmente no século XIX (1800-1899) quando os bancos passam a emitir "bilhetes" que garantiam ao portador o direito de resgatar em ouro (ou prata) um determinado valor mencionado no "bilhete". Este "bilhete" vai dar origem às notas bancárias e, com a centralização nos chamados "bancos centrais" vinculados ao tesouro nacional de cada país, das notas, dando ao dinheiro o valor tal como o conhecemos hoje. No século XX este dinheiro vai passar por uma transformação – passamos a ter um "dinheiro" de crédito, ou seja, o que temos hoje, cada um de nós, é um cartão de plástico e uma promessa de que o valor que aparece lá na maquininha do banco poderá nos ser entregue caso o reclamemos na boca do caixa (caixa pessoa ou na maquininha). A questão é que isto levou a uma "descentralização" não contabilizada, ou seja, cada banco tem "números" no computador maiores que o dinheiro em papel disponível. Em outras palavras, segundo a teoria do valor "fiduciário" depende da confiança que os "agentes econômicos" tenham que os bancos entreguem o dinheiro prometido para saber o valor da moeda, já que não é possível conferir "in loco" tal valor.

> O mercado está saturado e produz muito mais que o consumo capitalista consegue absorver. A crise clássica de superprodução, no mercado mundial como um todo, continua a grassar

Mas o mundo, inclusive as leis econômicas, existem apesar das teorias dos economistas. E no mundo real a maior parte do comércio mundial é feita em dólar, excetuando-se as internas de cada país e as internas da zona do euro (Europa). No mundo real, mais de 70% das "reservas" (dinheiro que cada país tem em caixa) está em dólar, uma parcela grande em euros (quase 20%), outra em libras e yuans e 2% das reservas mundiais em ouro. Estas são as moedas que contam no mercado mundial e a relação entre elas e a moeda de cada país (câmbio) é que determina o valor de cada moeda.

O DÓLAR CAI

O dólar está caindo de valor porque o Tesouro americano está emitindo moeda, ou seja, criando moeda sem relação com a economia real ou sem a sua contrapartida em bens e serviços. Assim, as empresas e bancos receberam ajudas bilionárias feitas por um dinheiro criado... do nada. Em outras palavras, o total de dólares existentes no mundo aumentou para que a GM, a Chrysler, todos grandes bancos americanos, recebessem bilhões para continuar funcionando. Em todo o mundo este movimento foi feito e significou uma transferência de dinheiro de quem não recebeu esta "ajuda" para os que receberam, ou seja, do bolso do trabalhador, do pobre, para os bolsos de banqueiros e industriais.

No Brasil foram mais de 300 bilhões de reais! Fora o que se concedeu como "isenção" fiscal que chegou a 25 bilhões no último ano e a 100 bilhões em todo o Governo Lula. A grande questão é que isso foi feito de uma forma tão grande e em ritmo tão rápido nos EUA que a moeda lá caiu de valor em relação a outras moedas. E, como consequência, a "reserva" de valor real, o ouro, subiu de 940-950 dólares a onça para 1050-1100 dólares! Uma valorização de mais de 10%. E o dólar caiu 15%, 20%, 30% em relação a todas as outras moedas.

O REAL SOBE

Outra questão influencia o preço das moedas: a taxa de juros que o Banco Central promete pagar para remunerar os empréstimos feitos para o governo. Em um momento que todos os grandes BC mantêm uma taxa de juros negativa, a insistência de manter um taxa alta leva também ao encarecimento do real, já que o dinheiro é mais atraído para países com taxas de juro altas.

E O BOLO CRESCE

Sim, cresce o bolo financeiro, já que a produção real caiu no mundo inteiro. O comércio mundial levou um tombo entre os 12 meses anteriores a set/08 e de out/08 a set/09 entre 20% a 30%. A China, intervindo no mercado de câmbio, rebaixou a sua moeda (em outras palavras, diminuiu ainda mais o salário real dos operários chineses, o que levou a uma onda de greves e revoltas operárias sem precedentes) e, ainda assim, teve queda em suas exportações. Por quê? Porque, independente do preço, o mercado está saturado e produz muito mais que o consumo capitalista consegue absorver. A crise clássica de superprodução, no mercado mundial como um todo, continua a grassar. As bolsas, o mercado financeiro, giram cada vez mais em falso, mantendo suas altas e seus lucros baseados em uma coisa – nos lucros que as empresas extraíram com as demissões em massa, com o fechamento de parques industriais e também com o dinheiro a rodo que os governos despejaram nos bancos e empresas em dificuldades. O bolo – deles – cresceu. E a comida do trabalhador do dia-a-dia diminuiu.

O BRASIL É UMA EXCEÇÃO?

O mercado mundial não é uma toalha uniforme que cobre o mundo. Pelo contrário, é uma toalha velha, cheia de furos, sujeiras e queimados. E, quando os furos aumentam em alguns lugares, é necessário correr e comer aonde ainda está "limpo". O Financial Times explicou porque o Brasil conseguia uma taxa de investimento sem precedentes: a paz social que o governo Lula logrou. Ou como Lula já explicou: nunca antes os empresários tiveram tantos lucros. Enquanto isso dura, o dinheiro flui para o Brasil. Flui enquanto essa paz social permite os juros altos e lucros imensos para o capital financeiro. Flui enquanto a paz social garante que as fábricas, minas, o agronegócio continuem a funcionar e auferir lucros. Quanto tempo? No mercado mundial, as "bolhas financeiras" criadas pelo aumento do déficit dos governos, o esgarçamento do próprio mercado na medida em que o dólar perde valor, a fuga em direção aos ativos "seguros" que é, neste momento, o próprio ouro, já que o Tesouro americano se encontra sob suspeita. Tudo isso leva a um tic tac que apavora a burguesia. Quanto tempo até a próxima queda? Impossível prever. Mas é muito menos tempo que os 30 anos que se seguiram à queda dos anos 70.

* Diz-se dos valores fictícios, fundados na confiança com que foram emitidos: o cheque bancário é uma moeda fiduciária.

Crônicas das Fábricas Ocupadas

EPISÓDIO VOLVO: "OS TRABALHADORES DA CIPLA, LITERALMENTE, TOMARAM O PODER"

Manifestação das Fábricas Ocupadas em defesa dos empregos

Carlos Castro
castrodireito@yahoo.com.br

Os trabalhadores da Cipla e Interfibra, após a ocupação, em outubro de 2002, não tiveram trégua. Quase toda semana a polícia e os oficiais de justiça infernizavam os operários para retirar máquinas que eram vendidas em leilões. Entretanto, a peãozada não se entregava.

Um dos episódios mais marcantes destes confrontos ocorreu com a Volvo. A Cipla fabricava peças para seus caminhões. Mas a direção sueca não aceitou a ideia de operários conduzirem a administração da fábrica. A multinacional passou a pressionar a direção operária para lhe devolver os moldes. Tentamos dissuadi-los dessa ideia, mas a direção não quis conversa. Numa audiência que tivemos na sede, em Curitiba, exigiram-nos a entrega dos ferramentais sem resistência. Deixei claro que isto não iria ocorrer, afinal, a entrega dos ferramentais poderia significar o fim da empresa, com os mil postos de trabalho.

> oficiais de justiça e cerca de trinta policiais militares estavam requerendo a entrada na fábrica para tirar os moldes da Volvo

No final da tarde do dia 20 de dezembro de 2002, numa sexta-feira, os funcionários do setor administrativo e os coordenadores estavam em uma reunião. De repente o telefone toca: era o porteiro informando que oficiais de justiça e cerca de trinta policiais militares estavam requerendo a entrada na fábrica para tirar os moldes da Volvo. Imediatamente eu e Serge Goulart entramos no chão de fábrica, passamos de corredor em corredor, e convocamos os operários para se dirigirem ao portão. Dizíamos aos gritos: "Companheiros, a Volvo está com a polícia aí na porta pra retirar os moldes. Temos que impedi-los de entrar". Num instante o portão estava lotado de operários. Uma guerra era eminente. Ao lermos a decisão judicial, nos surpreendeu o argumento do motivo. Segundo a Volvo, "os trabalhadores da Cipla, literalmente, tomaram o poder" e isto era inaceitável. Afinal, como administrar uma fábrica sem patrão?

Liguei para todos os representantes políticos de Joinville informando o fato. Fomos orientados a comparecer ao Batalhão da Polícia Militar para tentar travar a invasão policial. A pressão política foi enorme sobre o Capitão Michelli que estava no comando. Orientado pelo governador Luiz Henrique, recém-eleito, que não queria nenhum tipo de problema conosco, Michelli informou aos advogados e aos oficiais de Justiça que não tinha efetivo policial suficiente para garantir a decisão judicial. Ao final da reunião, Michelli nos chamou e disparou: "Vocês tem até amanhã para chegar a um acordo ou eu é que vou preso".

Viramos a noite acordados para preparar o enfrentamento. Montamos as barracas do Zé Matos (militante histórico do PT) na portaria da fábrica com lona preta. O recado que demos assustou os prepostos da Volvo. Se entrassem à força, deixamos claro que levariam poeira dos moldes. Os operários estavam orientados a meter a marreta nos ferramentais.

Ao amanhecer, Chico Lessa percebeu que o procedimento judicial estava fora do esquadro, já que o cumprimento do mesmo deveria ocorrer de segunda à sexta no horário comercial. Com isso, ligou para o juiz responsável e colocou o problema. Como o juiz já estava informado sobre a animosidade dos trabalhadores, respondeu a Lessa que estava certo e iria comunicar ao oficial de justiça que segurasse a ação até o retorno em janeiro.

Ao perceber o nosso grau de articulação e a invertida que estavam levando de meros operários mortais, a superpoderosa multinacional "joga a toalha", hasteia a bandeira branca e propõe negociação para encerrar o conflito. Pedimos um milhão de reais para entregar os moldes e eles ofereceram 500 mil reais. Aceitamos a contraoferta. Com isso, foi agendada uma conversa no Prinz Hotel, onde seria entregue o cheque. Eu, Lessa e Chyntia fomos ao hotel. Conversamos longamente com os prepostos. De repente, um deles solta uma pérola: "Mas até que vocês são gente boa". Quando nos lembramos desta história, damos boas risadas.

O importante é que o cheque da Volvo permitiu retomarmos a produção da linha própria dos produtos Cipla, a chamada linha de consumo que os patrões haviam desintegrado. Este foi o único valor externo, até 2005, que tivemos para investir. Neste ano começou a nossa relação com o Governo Chávez da Venezuela. Sobre isto falaremos numa próxima crônica.

Para encerrar, informo um fato fundamental para a minha militância. Em meio ao tumulto com a Volvo, ocorria uma plenária de fechamento de ano com os militantes marxistas de SC, no interior da fábrica. Serge Goulart (Secretário Geral) manteve a atividade, independente da ação policial. Mesmo não fazendo parte da organização, fui convocado, embora divergindo da reunião ocorrer durante a guerra com a policia. Ao chegar no local, Serge me intima dizendo: "Castro, não tem sentido você não se organizar conosco". Aceitei o convite e a partir daquele dia, engrossei as fileiras de nossa organização marxista. Entendi, também, que mesmo pegando fogo no front, o comando do exercito precisa se reunir para refletir e melhor organizar a estratégia do combate.

Operários da Cipla durante a ocupação realizam protesto contra os leilões de máquinas

Aceitar o fechamento de fábricas? Jamais!

AS FÁBRICAS, QUANDO FECHAM, FECHAM CONTRA A CLASSE TRABALHADORA

Chico Lessa
chicolessa@terra.com.br

Na Carta aos Trabalhadores Brasileiros, adotada por unanimidade na Conferência Nacional em Defesa do Emprego, dos Direitos, da Terra e do Parque Fabril Brasileiro, realizada nos dias 3, 4 e 5 de outubro de 2003 em Joinville, patrocinada pelos trabalhadores das empresas ocupadas Cipla, Interfibra e Flaskô, nós já afirmávamos que:

> "cada fábrica fechada é um túmulo de postos de trabalho onde são sepultadas as esperanças de uma vida digna. Um monumento à especulação e à voracidade capitalista. E junto com este desastre vem a revogação de leis e conquistas trabalhistas e previdenciárias que custaram muitas e longas lutas, muito esforço e mortes, ao povo trabalhador da cidade e do campo. Por isso, os trabalhadores têm o direito de ocupar as fábricas para manter a civilização funcionando com a dignidade que querem lhe retirar."

A Flaskô, em Sumaré-SP, uma das dezenas de empresas do Grupo Cipla, permanece em funcionamento sob o controle operário desde 12 de junho de 2003. Em Joinville, na Cipla e Interfibra, persiste a intervenção judicial federal desastrosa desde 31 de maio de 2007, que interrompeu uma das experiências operárias mais capazes e democráticas de controle e administração de fábrica pelos seus próprios funcionários.

Estamos relembrando estes bons exemplos para dizer que os trabalhadores não podem e não devem deixar suas fábricas fecharem, seja por incapacidade dos patrões ou mesmo pela impossibilidade do sistema capitalista dar lugar para todos.

> A Flaskô, em Sumaré-SP, uma das dezenas de empresas do Grupo Cipla, permanece em funcionamento sob o controle operário

O fechamento de uma fábrica remete os trabalhadores diretamente para a demissão, que é sinônimo de desemprego, miséria e de destruição da sociedade. Cada fábrica fechada é uma parcela de civilização que morre.

Somente com mobiliação e luta é que podemos impedir o fechamento de fábricas

Estas recordações nos ocorrem neste momento em que refletimos sobre a situação da Busscar, uma das principais empresas de carrocerias de ônibus da América do Sul. Desde o mês de julho a empresa volta a passar por sérias dificuldades, pois desde então mantém em licença remunerada cerca de 70% de seu quadro de pessoal, que se encontra ao redor de 6 mil funcionários.

Ninguém quer ou espera que aconteça, mas é preciso alertar que a falta de uma folha de pagamento mensal de 6 milhões de reais será um corte profundo nas condições de vida dos trabalhadores envolvidos e de seus familiares, assim como para a economia de Joinville, especialmente nestes tempos difíceis de crise.

A direção da empresa, que permitiu que o empreendimento chegasse a essa situação deve uma resposta ao povo joinvilense. O sindicato dos trabalhadores, responsável pela organização da categoria e pela defesa dos postos de trabalho e dos direitos trabalhistas de seus representados, também está devendo palavras e atitudes de mobilização e luta, que efetivamente apontem uma saída para o grave problema que se avoluma dia a dia, para que a fábrica não feche para os trabalhadores.

Moacir Nazário vereador do PT em Joinville se posiciona na defesa dos trabalhadores da BUSSCAR

Leiam e apóiem a Moção:

Senhor Presidente:
Senhores Vereadores:

O Vereador abaixo assinado, em conformidade com o art. 193 do Regimento Interno, vem mui respeitosamente solicitar a Vossa Excelência, após a devida aprovação do Plenário, o envio de ofício ao Presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias e Oficinas Mecânicas de Joinville e Região, e ao Diretor-Presidente da empresa Busscar Ônibus S/A, com o seguinte teor:

Considerando que a Busscar Ônibus S/A, tradicional empresa do ramo da construção de ônibus na América Latina, como é público e notório, encontra-se em sérias dificuldades em dar continuidade à sua atividade econômica;

Considerando que a empresa detém atualmente em seus quadros de pessoal cerca de 6 mil trabalhadores;

Considerando que para cada um destes empregos diretos existem mais três postos indiretos de trabalho, pelo menos;

Considerando que o fechamento de um empreendimento como este seria um sério acontecimento para os trabalhadores diretamente envolvidos e para toda a comunidade joinvilense;

Considerando que o emprego para o trabalhador é seu patrimônio primeiro, e que cada fábrica fechada é uma porção de civilização que se apaga;

Considerando, por fim, que a responsabilidade pelo bem estar dos cidadãos de Joinville, bem assim suas condições de vida, deve passar também pela preocupação desse Poder Legislativo;

A Câmara de Vereadores de Joinville (SC), acatando proposição do Vereador Moacir Nazário-PT, apela ao Presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias e Oficinas Mecânicas de Joinville e Região, e ao Diretor-Presidente da Busscar Ônibus S/A, para que através de Acordo Coletivo de Trabalho os trabalhadores da empresa, livre e secretamente, elejam uma Comissão de Fábrica e seu próprio regimento de funcionamento, com a garantia provisória de emprego própria para a hipótese, para fazer o acompanhamento da real situação do empreendimento fabril, com abertura da contabilidade, ativo e passivo, pois diante da situação de risco em que se encontram os funcionários, e do caráter reincidente do problema, é seu direito este procedimento, nos termos do art. 7º da Constituição da República.

Sala das reuniões, 19 de junho de 2009.
Moacir Nazário- Vereador/PT

Superar a ideologia jurídica para enfrentar o capital

Alexandre Mandl
alexandremandl@yahoo.com.br

Na edição passada escrevemos sobre o Direito e a luta de classes. Explicamos que para superar a ideologia jurídica burguesa, devemos compreender o modo de produção capitalista, sendo imprescindível a análise da gênese do sujeito de direito e do contrato de trabalho decorrentes do surgimento da sociedade capitalista. Outro efeito da presença das categorias da liberdade e da igualdade é a penetração dessas categorias da ideologia jurídica no seio do próprio movimento dos trabalhadores. Esse efeito ilusório penetra profundamente o movimento dos trabalhadores desde a sua origem, que passa a ser dominado por uma representação jurídica do mundo e orientado, em sua prática política, para a obtenção da mesma liberdade e da mesma igualdade que são as formas de seu próprio subjugamento ao capital.

Quando os trabalhadores se organizam para lutar contra a dominação da burguesia, contra o capital – e isso se verifica até a contemporaneidade – eles o fazem sustentando justamente essas bandeiras da liberdade e da igualdade burguesas, isto é, o "programa" do capital. Marx travou uma luta severíssima por volta de 1848, contra o igualitarismo jurídico que predominava no interior do movimento operário da época, opondo-se ao programa dos comunistas que apresentava como objetivo final da classe operária a "realização dos princípios contidos nos Direitos do Homem e do Cidadão", portanto, da liberdade e da igualdade, que são as condições da própria exploração do trabalhador. Anos depois, Engels e Kautsky também tiveram que travar uma luta contra o retorno da ideologia jurídica no interior do movimento operário por meio do chamado "socialismo jurídico", que teve em Menger um de seus principais representantes. Eles demonstraram que, se os trabalhadores fundam a sua estratégia sob a base do direito e tomam como suas as reivindicações burguesas da liberdade e da igualdade, apenas reproduzem as formas de dominação da burguesia sobre eles próprios. Engels e Kautsky, explicam que "*a classe trabalhadora não pode exprimir plenamente a própria condição de vida na ilusão da burguesia. Só pode conhecer plenamente essa mesma condição de vida se enxergar a realidade das coisas sem as coloridas lentes jurídicas*".

> Isso significa que a ideologia jurídica procura dissolver a condição operária, produzindo uma representação atomizada da sociedade

Ora, qual a consequência disso? A presença do elemento jurídico, a ideologia jurídica no interior do movimento dos trabalhadores, se privilegiada como tática, pode acarretar uma verdadeira neutralização da luta social, como resultado do domínio do direito no campo da luta de classes, aquilo que Bernard Edelman denomina "legalização da classe operária". Essa posição "sindicalera" bloqueia a luta dos trabalhadores pelo objetivo estratégico de destruição da ordem burguesa, o fim da exploração do capital. Como exemplo disso, podemos ver como a greve (forma de luta privilegiada dos trabalhadores) somente tem reconhecida sua legalidade como direito de greve, quando ela é exercida dentro dos estritos limites de sua regulamentação, isto é, quando ela não ultrapassa os limites de sua natureza jurídica, ou seja, quando se limita a reivindicações profissionais. Ela será inadmissível pela ordem legal, ou seja, ela não será um direito, quando ela se torna política – quando desorganiza a produção, quando ela interrompe o processo de valorização, passando a questionar, assim, a própria exploração do trabalho. Qual é o raciocínio jurídico neste caso? Ele é muito preciso e perverso.

A ideologia jurídica burguesa circunscreve a greve aos espaços profissionais no qual se manifestam os sujeitos de direito, o patrão e o empregado, em torno do contrato de trabalho que celebraram como pessoas livres e iguais. Quando os trabalhadores questionam a própria organização da produção eles estão agindo "politicamente", e para a ideologia jurídica burguesa, a política é o espaço reservado à manifestação dos cidadãos na esfera do Estado. Assim, se o operário quiser se manifestar politicamente, ele deve se despir de sua condição de trabalhador, e, como indivíduo e cidadão, por meio do processo eleitoral burguês e do sistema de partidos, se elevar até a esfera do estado, à esfera pública, onde supostamente se compõe a vontade geral e se realiza o bem comum.

Isso significa que a ideologia jurídica procura dissolver a condição operária, produzindo uma representação atomizada da sociedade, onde o próprio conceito de classe se torna desprovido de sentido, buscando anular a potencialidade transformadora das lutas dos trabalhadores, para conduzi-los à resignação e à passividade. Esse deslocamento provoca a negação da luta de classes, diluindo-se em outra coisa, que é a representação política burguesa. Esses efeitos da liberdade, da igualdade, das categorias jurídicas, da ideologia jurídica, são formas de intervenção da classe dominante na luta de classes.

Assim, podemos citar o Movimento das Fábricas Ocupadas como exemplo da necessidade de romper com a ideologia jurídica burguesa. Ao romper com a "lógica" de aceitar o fechamento das fábricas, o movimento enfrenta o argumento, muitas vezes de vários sindicatos, que dizem (pasmem!): "Fábricas fecham, e nosso dever é garantir a defesa dos direitos trabalhistas de forma responsável. Temos que respeitar a lei!" Ora, se é esse o argumento, não há direito trabalhista maior do que o direito ao trabalho. E isso se garante com a manutenção da fábrica aberta! Por isso, propomos, para enfrentar o fechamento de fábricas e o desemprego, a ocupação das fábricas, inovando e criando um novo compromisso jurídico vinculado à classe trabalhadora.

Portanto, como marxistas, temos que fazer com que os trabalhadores percebam os mecanismos de funcionamento da ideologia jurídica, para que eles mesmos não fiquem reféns do "sindicalerismo" e legalismo dos dirigentes, para que ultrapassem o domínio e limites do capital.

A luta faz a lei

Que fazer depois da Marcha a Brasília?

É preciso dar um passo à frente, organizar a luta desde baixo, no chão de fábrica, construindo a Greve Geral

Marcha à Brasília reivindica redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais

Severino Nascimento (Faustão)
faustaope@gmail.com

A CUT e as centrais Sindicais levaram a Brasília 50 mil trabalhadores para exigir que os deputados votassem favoravelmente às propostas do interesse do movimento operário, no caso presente, a favor da redução da jornada de trabalho para 40 horas sem redução dos salários.

Mais uma vez os picaretas do parlamento, manobraram, e empurraram a decisão para sabe-se lá quando e fizeram com que aqueles que viajaram até mesmo dias e noites nas péssimas estradas, arriscando a própria vida, voltassem sem nada de concreto na bagagem.

A partir de agora a CUT, que levou para a marcha cerca de 30 mil trabalhadores, tem a responsabilidade de rever essa tática. As marchas, sem dúvida, são importantes, mas insuficientes para dobrar a espinha dos picaretas. A experiência concreta da luta de classes nos mostra que os representantes da burguesia no Congresso Nacional estão pouco se lixando para as reivindicações do povo trabalhador.

A CUT, pela sua legítima representação perante os trabalhadores, deve discutir e preparar uma ação mais incisiva para arrancar as reivindicações e impor a redução da jornada aos representantes dos patrões no legislativo federal. Lula poderia fazer um decreto, uma medida provisória, mas prefere manter os compromissos com os picaretas.

É inconcebível que após sete anos do Governo Lula ele não tenha feito aprovar nenhum projeto que significasse grandes avanços aos trabalhadores.

Existem várias empresas que já praticam a jornada de 40h e outras, por força de acordos com os sindicatos, praticam até jornadas mais reduzidas, arrancadas muitas vezes com greves.

Não dá para seguir realizando marchas que nada conquistam, não dá para seguir marchando sem preparar a luta na base.

As CUTS regionais devem fazer um balanço dessa marcha e sinceramente admitir que é necessário organizar a luta desde baixo, no chão de fábrica, construindo a Greve Geral.

A CUT nacional deve implementar tal medida em todo o país, pois do contrário vamos nos desmoralizar e isso é o que a direita quer: cansar e desmoralizar e, a partir daí, enterrar o projeto de redução da jornada e impor outras derrotas.

É necessário que os trabalhadores exijam de Lula que ele tenha uma postura condizente com seu passado de trabalhador, exijamos dele um decreto reduzindo a jornada e garantindo os direitos. Lula é fundador da CUT, nada mais natural que nós trabalhadores cobremos dele claros compromissos em atendimento às reivindicações.

> É inconcebível que após sete anos do Governo Lula ele não tenha feito aprovar nenhum projeto que significasse grandes avanços aos trabalhadores

Caso isso não aconteça os trabalhadores podem se frustrar e cada vez mais virarem as costas à CUT, isso é perigoso. Neste ano eleitoral que se aproxima os trabalhadores buscarão manifestar seu repúdio e a CUT deve tratar de ajudar a enterrar o Congresso de picaretas e impor a soberania da maioria do povo. Cada vez mais, maiores e maiores parcelas dos trabalhadores estão aprendendo que "**a emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores.**"

Senado favorece demissões

SENADORES DO PT E BASE ALIADA ACEITAM ACABAR COM OS 10% DO FGTS

Chico Lessa
chicolessa@terra.com.br

Podemos ler no Manifesto de Fundação do PT, de 1980, que:

> "Os trabalhadores querem se organizar como força política autônoma. O PT pretende ser uma real expressão política de todos os explorados pelo sistema capitalista. Somos um Partido dos Trabalhadores, não um partido para iludir os trabalhadores."

Mas, na prática, não é assim que agem os senadores do PT. No último dia 3 de novembro de 2009, os senadores da Comissão de Assuntos Econômicos do Senado Federal aprovaram por unanimidade projeto de lei que acaba com a multa de 10% do FGTS a ser paga no ato da demissão do trabalhador.

Em outras palavras, os senadores do PT e da chamada base aliada dão mais uma ajuda aos patrões para demitir o trabalhador do seu emprego, eliminando mais uma obrigação patronal.

A responsabilidade de um verdadeiro petista é aquela de apresentar ao Parlamento Nacional um projeto de lei ou mesmo um projeto de emenda constitucional de garantia de emprego aos trabalhadores brasileiros.

Ao contrário disso, em julho de 2009, a Comissão de Relações Exteriores da Câmara rejeitou a mensagem do Governo Federal pela ratificação da Convenção 158 da Organização Internacional do Trabalho, que impõe regras de restrição para a demissão do trabalhador.

> os senadores do PT e da chamada base aliada dão mais uma ajuda aos patrões para demitir o trabalhador do seu emprego

Diante disso, é preciso que a CUT intensifique a campanha pela aprovação da Convenção 158 da OIT, para colocar um freio nas demissões, abrindo a situação para que a lei venha garantir a estabilidade no emprego do trabalhador brasileiro.

Ped PT: primeiros elementos de um balanço!

CONSTRUIR UMA ORGANIZAÇÃO MARXISTA COM INFLUENCIA DE MASSA POR DENTRO DO PT

Wanderci Bueno
wanderci.bueno@gmail.com

Iniciávamos a Tese da Chapa "Virar a Esquerda reatar com o Socialismo" com a seguinte frase:

> "É hora de ser verdadeiramente realista, ou o partido e a classe trabalhadora vão pagar muito caro o caos econômico que o sistema capitalista espalha pelo mundo. Ou o PT rompe a coalizão com Sarney, Collor e os partidos capitalistas e toma medidas de defesa da classe trabalhadora ou poderemos perder as eleições de 2010, permitir a volta da direita à Presidência do Brasil, e bloquear o caminho para o socialismo."

Encerradas as eleições do PED, onde votaram mais de 500 mil filiados, podemos constatar que a "Chapa Virar a Esquerda reatar com o Socialismo" cumpriu importante tarefa nesta desigual batalha, e conseguimos assegurar um de nossos companheiros na Direção Nacional do Partido.

Conseguimos remar contra a poderosa corrente da máquina da burocracia partidária e temos até o momento 3.407 votos em nossa Chapa e 3241 votos em Serge Goulart, nosso candidato a presidente nacional do partido.

Nós valorizamos em muito os votos que obtivemos, eles expressam a vontade de milhares e milhares de trabalhadores da base de filiados do partido pela ruptura com a burguesia e só não pode se expressar de maneira contundente porque a maioria da direção do partido, ao abandonar o terreno da independência de classes e estabelecer uma vergonhosa aliança com os partidos e representantes dos inimigos dos trabalhadores, necessariamente afastou a base de qualquer debate democrático, reproduzindo os métodos típicos dos partidos burgueses que, poderão mais adiante, levar à destruição completa do PT.

Os votos que conseguimos em vários estados onde não temos nenhum militante comprovam que na base existem sinceros militantes e filiados que acreditam na força da idéia de que:

> "Só o socialismo pode abrir o caminho para a Humanidade. É preciso romper a colaboração de classe com a burguesia e seus partidos, no governo e no Congresso, apoiar-se na organização e mobilização popular e começar a governar no interesse do povo trabalhador do campo e da cidade. A atual coalizão no governo defende os interesses dos capitalistas. A dita "base aliada", que inclui até os partidos da ditadura militar, só é majoritária no Congresso quando interessa aos capitalistas. Nenhum projeto de real e direto interesse da classe trabalhadora passa por ela. É hora de romper com os inimigos da classe trabalhadora e governar convocando e apoiando-se na mobilização de milhões de trabalhadores em luta por seus próprios interesses." (Tese da Virar a Esquerda e reatar com o Socialismo)

Como explicar que, por cima e contra um programa de colaboração de classes, por cima e contra um poderoso aparato milionário e submetido a interesses estranhos à classe, a Chapa Virar a Esquerda reatar com o Socialismo, tenha conseguido praticamente dobrar sua votação em relação ao PED de 2007? Só há uma explicação: existe vida e muita vida na base do partido. Essa vida pode a qualquer momento explodir como lava incandescente que subjaz em um adormecido vulcão. Por isso o aparato jogou pesado e em muitos casos realizou debates em pequenos espaços, em outros nem realizou.

Apesar de identificarmos que o PED é uma formula viciada e antidemocrática, em uma situação sem grandes mobilizações, controlado por uma direção adaptada majoritariamente à burguesia, podemos dizer que essa mesma direção não conseguiu fazer dormir a base viva do partido. Os votos que conseguimos indicam que em um momento, em uma situação de ascenso de massas, o vulcão poderá cuspir fogo e a organização marxista se elevará à altura das tarefas para avançar em direção ao socialismo. A única forma que os pró burgueses possuem para impedir que a lava se espalhe, é acelerar o passo na direção da destruição do partido. Mas isso também provocará reações e explosões até mesmo nos quadros intermediários e na própria direção.

A existência da Esquerda Marxista, combatendo no interior do PT, contra a aliança com a burguesia, conseguiu avanços importantes em Fortaleza, Camaçari, Guarulhos, ABC, Porto Alegre, São Paulo, Joinville, dentre outras.

	SC	RJ	RG	CE	MG	SP	PI	PE	BA	MS
CHAPA	529	142	175	224	219	811	155	110	209	187
Serge Goulart	465	174	179	105	253	782	105	109	129	178

Acima podemos verificar o potencial que temos para nossa construção. Publicamos aqui apenas os resultados dos estados onde conseguimos mais de 100 votos, tanto na Chapa bem como em nosso candidato a Presidente o companheiro Serge Goulart.

Acertamos na opção e acertamos na linha política, agora é hora de aplicar o que escrevemos na nossa Tese:

> "Um governo do PT apoiado na CUT (a única e verdadeira Central Sindical do Brasil), no MST, e nas organizações populares, tem capacidade e força para acabar com a especulação financeira, decretar o controle do câmbio, o monopólio do comércio exterior, e começar a tomar medidas de planificação da economia no interesse dos oprimidos e explorados.
> É nossa tarefa como petistas socialistas explicar que contra a anarquia e caos, contra as crises permanentes do regime da propriedade privada dos grandes meios de produção, contra as conseqüências de uma economia baseada na busca do lucro, a saída é a conquista de um regime baseado na propriedade coletiva e socialista. Um regime socialista com uma economia planificada segundo as necessidades e o interesse do povo trabalhador e controlada democraticamente pelos trabalhadores.
> É HORA DE SER REALISTA, COMPANHEIR@! É HORA DE SER REVOLUCIONÁRIO E SOCIALISTA. É HORA DE VIRAR À ESQUERDA E REATAR COM A LUTA PELO SOCIALISMO!
> Convidamos tod@s @s companheir@s filiad@s do PT a reagir conosco na luta pelas idéias do verdadeiro socialismo, pelo programa operário e socialista capaz de abrir um caminho neste mundo de horror que o capitalismo e sua sobrevivência impõem à maioria da humanidade. É preciso rearticular o partido e construir a corrente de massas, socialistas, contra a colaboração de classe e o reformismo para avançar nas conquistas e ganhar as eleições de 2010. O PT precisa voltar a organizar e mobilizar a juventude e os trabalhadores na luta pelo socialismo ou a desmoralização política vai trazer de volta à Presidência da República a direita capitalista e entreguista que ainda controla este país. O governo do PT tem que apoiar, e se apoiar, na revolução venezuelana, retirar as tropas do Haiti e se somar as lutas dos trabalhadores em todo o mundo contra a opressão e exploração capitalista."

É hora de avançarmos na construção da Esquerda Marxista, junte-se a nós.

Iniciando o debate: por uma Constituinte Soberana

COMO HOJE SE COLOCA NO BRASIL A QUESTÃO DA ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE PARA OS MARXISTAS

Caio Dezorzi
caiodezorzi@yahoo.com.br

Trotsky nos explica no "*Programa de Transição*" a necessidade de ajudar as massas dos países atrasados a superar sua própria ilusão na democracia burguesa levando a luta pela democracia até a sua exaustão. Assim podemos ajudar as massas a constituir instituições mais avançadas, revolucionárias, como os sovietes.

E na luta pela democracia, sua mais alta expressão, nos limites em que a luta democrática pode se converter em luta abertamente revolucionária, é a luta pela Assembleia Constituinte.

A QUESTÃO DA CONSTITUINTE E A REVOLUÇÃO NA AMÉRICA LATINA

No último período assistimos em diversos países exatamente o processo descrito por Trotsky no Programa de Transição.

A crise da direção revolucionária permitiu o surgimento de processos confusos e contraditórios como os da Venezuela, Bolívia e Equador. A expressão mais clara desta situação é a abertura de uma situação revolucionária em Honduras a partir da proposta de Zelaya de convocar uma Constituinte.

> A exigência de uma Constituinte não é de reformar ou consolidar a democracia burguesa

Homem da burguesia, líder do principal partido reacionário do país, Zelaya é levado a provocar o surgimento de uma situação que nem ele mesmo controla. O medo da burguesia hondurenha de que as massas resolvessem utilizar a Assembleia Constituinte para iniciar um processo como o da Venezuela levou ao golpe e ao estabelecimento da ditadura.

Entretanto, como o chicote da contrarrevolução acaba fazendo avançar a revolução, o que se vive hoje em Honduras é uma situação revolucionária com caráter de insurreição popular anti-imperialista.

LULA DEVE ROMPER A COALIZÃO COM A BURGUESIA E CONVOCAR UMA CONSTITUINTE

Quando nos colocamos contra as alianças espúrias do Governo, a resposta do aparato, reproduzida por militantes operários com ilusão em Lula e na direção do PT, é de que o governo de coalizão com a burguesia está justificado pela necessidade da "governabilidade", ou seja, para que o governo tenha uma maioria parlamentar para poder governar.

Aos marxistas cabe a tarefa de ajudar as massas, e em primeiro lugar os militantes operários, a superar suas ilusões. É por isso que usamos como argumentos, no combate pela ruptura do PT com a burguesia, o direito de Lula se recandidatar quantas vezes o partido decidir e o povo eleger, assim como a necessidade de uma Assembleia Constituinte para varrer esse Congresso e constituir uma maioria em sintonia com o desejo do povo. É nesse sentido que toma importância a palavra de ordem de convocação de uma Assembleia Constituinte Democrática, Livre e Soberana para realizar a Reforma Agrária, re-estatizar as empresas privatizadas, restabelecer o monopólio estatal do petróleo, elevar os salários, revogar a reforma da Previdência, garantir Saúde e Educação Públicas e Gratuitas de qualidade para todos, enfim realizar as mais sentidas aspirações populares e nacionais.

Essa Constituinte não pode ser convocada e organizada pelas atuais instituições podres, nem pelas regras eleitorais feitas sob medida para impedir o povo de se expressar, mas deve ser convocada e realizada pelo governo do PT apoiado nas organizações populares e na mobilização revolucionária das massas trabalhadoras. Essa Assembleia Constituinte Democrática, Livre e Soberana é convocada contra o atual Congresso corrupto e contra as leis que impedem a soberania popular. Ela deve nascer com a forma e o conteúdo que serão forjados nas lutas que o povo trabalhador travar. Essa Constituinte deve ter como objetivo colocar em sintonia a vontade popular que elegeu Lula com uma maioria de representantes do povo que reconstrua o Brasil com base na soberania do povo trabalhador.

A exigência de uma Constituinte não é de reformar ou consolidar a democracia burguesa. Mas, compreendendo o que ensina a Teoria da Revolução Permanente nós sabemos que só o proletariado e a revolução podem realizar as tarefas democráticas e nacionais que a burguesia nunca realizou em países como o Brasil.

Nosso combate pela democracia é o combate pela revolução socialista. Nada temos a ver com as concepções adaptadas que se contentam em buscar parecer os mais democratas e mais nacionalistas dentro do movimento operário. Nós combatemos pelas liberdades democráticas (e a mais alta expressão disso é uma Assembleia Constituinte Democrática, Livre e Soberana) levantando bem alto as bandeiras do socialismo e numa linha de Frente Única exigindo a ruptura dos dirigentes das massas com o semicadáver da burguesia.

Bolívia: Quando a Constituinte é usada para frear o movimento

No passado recente da Bolívia vimos como a palavra de ordem de Assembleia Constituinte foi utilizada contra a revolução pela direção do MAS e Evo Morales. Entre 2003 e 2005, a luta dos mineiros e dos camponeses derrubou governos e dividiu o aparato de Estado na Bolívia. Mas na ausência de um partido revolucionário o proletariado não tomou o poder.

O proletariado boliviano demonstrou um nível político formidável, derrubando todos os presidentes eleitos "democraticamente" que continuavam entregando as riquezas do país aos interesses do imperialismo e da oligarquia local, mantendo o povo na miséria.

Durante semanas ou meses não havia poder na Bolívia que não fosse o povo em armas e mobilizado. Mas, a recusa da direção da COB (Central Obrera Boliviana), que dirigia as mobilizações, em tomar o poder, abriu caminho para Evo Morales chegar à presidência. Quando a COB resolve convocar a realização de Assembleias Populares em todo o país e sua centralização nacional em La Paz, já era tarde. Evo, com a autoridade de presidente eleito pelas massas contra as classes dominantes, convoca uma Assembleia Constituinte. Neste momento defender a Constituinte era efetivamente estrangular a revolução. E foi o que tentou Evo Morales para reconstruir o Estado burguês na Bolívia. A única via de fato revolucionária era apoiar as Assembleias Populares contra a farsa da Constituinte de Evo Morales. Se esta via não se desenvolveu isto se deveu aos vacilos e fragilidade da direção da COB e à ação de Evo Morales fortalecido por sua vitória nas eleições.

É preciso estar atento sempre ao movimento real das massas, à sua consciência em cada momento e à situação política em desenvolvimento. Uma palavra de ordem utilizada em dado momento pode não servir e mesmo ter um efeito contrário ao pretendido em outra situação. A prova da necessidade de total flexibilidade tática foi dada por Lênin durante o ano de 1917 das Teses de Abril até a insurreição de Outubro.

A quem serve a reestruturação do IBAMA?

Descentralizar órgãos públicos para facilitar a expansão da fronteira capitalista na Amazônia, não tem nada de "moderno"

Gerência Executiva do IBAMA em Santarém-PA. A divisão para beneficiar madereiros

Carlos Alberto F. da Silva
carlosfds@terra.com.br

Flávio A. Reis
reis.geografia@gmail.com

Aqui pretendemos explicar como, contrariando as expectativas de todos que votaram no PT, Lula e sua ex-ministra Marina do Meio Ambiente organizaram o desmonte na nossa legislação ambiental. Uma dessas medidas foi a Lei 11.356/07 que criou o Instituto Chico Mendes dividindo o IBAMA em dois órgãos com o argumento de fortalecer a gestão das Unidades de Conservação. Na época Lula afirmou que essa era a "modernização do IBAMA", mas na verdade, descentralizar órgãos públicos com o objetivo de enfraquecê-los para, no caso do IBAMA, entre outras coisas, facilitar o licenciamento de projetos voltados à expansão da fronteira capitalista na Amazônia, não tem nada de "moderno". Ainda quando sabemos que o IBAMA nasceu em 1989 com o objetivo de integrar órgãos ambientais e consolidar leis que existiam de forma fragmentada.

Em 2007, a Associação de Servidores do IBAMA (Asibama) organizou uma longa greve contra essa Lei de Lula/Marina. Pois tal medida não era acompanhada de acréscimo de verbas e novas contratações. Simplesmente dividia o IBAMA sem garantir mais investimentos. Lula condenou publicamente a greve dizendo que deveriam deixar primeiro ver os resultados para depois fazerem as críticas. Abaixo, segue uma análise dos primeiros resultados da Lei 11.356/07. E como se previu eles são catastróficos.

O CASO DA GERÊNCIA EXECUTIVA DO IBAMA EM SANTARÉM - PA

Esta Gerência abrange 29 municípios (55% do estado do Pará), com mais de 730 mil km2. Absurdamente ela só possui 70 servidores para controlar esta imensa área que é maior do que a Região Sul do país (!). Diante desse quadro, sua Gerente Executiva, Polyana Nunes e os servidos do órgão demonstram-se preocupados.

> Lula e sua ex-ministra Marina do Meio Ambiente organizaram o desmonte na nossa legislação ambiental

O QUADRO DE FUNCIONÁRIOS:

"*Apesar de estarmos atendendo a essa demanda de forma incansável e com bons resultados, é notório que a quantidade de servidores aqui lotados está muito aquém do necessário para atendimento de toda a demanda à altura que a degradação ambiental exige, considerando as denúncias da sociedade civil e órgãos públicos, os índices de desmatamento crescentes, o tamanho da área e a importância da Região*" (Ofício Circular nº. 399/2009-GABIN/GEREX/IBAMA/STM em 26/06/2009)

O REPASSE DE VERBAS:

"*As dificuldades da nossa Gerência vêm sendo sentidas desde o início do ano (2009), considerando que, por diversos empecilhos colocados pela Sede da Administração do IBAMA, em seis meses, foram executados apenas R$ 250.000,00, enquanto no ano de 2008, esse foi o valor mensal de nossas despesas*". (idem)

COMO RESULTADO, O DESMATAMENTO CRESCE:

"*Ante esse ínfimo orçamento, não há dúvida que a tutela ambiental da região é a pior dos últimos anos, o que poderá ser confirmado através dos índices de desmatamento que serão divulgados para a Região Oeste do Pará em 2009, (...), em que o avanço da degradação ambiental impressiona até mesmo se comparado com as taxas de desmatamento verificadas em Regiões do MT, estado mais desflorestado da Amazônia Legal*".

Preocupados com a "degradação ambiental" da Amazônia, os servidores da Gerência Executiva de Santarém-PA informam a situação da Região e suas dificuldades para realizarem suas atribuições. Mas é de chocar a insensibilidade e irresponsabilidade do Governo Lula. Todavia, o documento citado, expressa as preocupações dos funcionários de Santarém acerca de um Decreto em tramitação na Presidência da República que visa reestruturar o IBAMA, rebaixando 139 Gerências Executivas (entre elas a de Santarém) para serem simples Escritórios Regionais.

UM ALERTA DOS SERVIDORES DE SANTARÉM SOBRE O FUTURO DA REGIÃO:

"*Para a Gerência de Santarém é pior porque a mudança é drástica demais para uma estrutura que opera como se fosse uma Superintendência, com consequências para o meio ambiente extremamente danosas que estão por vir*" (idem).

> É preciso pautar nas entidades políticas, sindicais e democráticas a discussão sobre (...) a ofensiva do Governo Lula na destruição do meio ambiente

AMPLIAR O DEBATE ENTRE OS TRABALHADORES

Esses são os primeiros resultados da "moderna" reestruturação do Governo Lula, com a ajuda de Marina Silva, na área ambiental. É preciso pautar nas entidades políticas, sindicais e democráticas a discussão sobre o avanço da fronteira capitalista na Amazônia e a ofensiva do Governo Lula na destruição do meio ambiente a troco facilitar a acumulação de capital paras grandes corporações.

Madereiros, agronegócio e latifundiarios fazem a farra na Amazônia

Construir a aliança operária e estudantil- por um petróleo 100% estatal

Fábio Ramirez
fabioramirez.com@gmail.com

Após 60 anos do poderoso movimento "O Petróleo é nosso" - que impôs a lei 2004/53 que conquistou o monopólio da União na exploração do petróleo e criou a Petrobrás - a luta pela soberania das riquezas naturais e os rumos do nosso petróleo voltam à pauta do movimento operário e estudantil.

Em agosto de 1997 a burguesia dá mais um golpe nos trabalhadores brasileiros com a lei 9.478, assinada por FHC. Essa lei derrubava o monopólio da exploração e produção do petróleo pela Petrobrás e iniciava a privatização através das concessões e dos leilões. Dez anos depois a Petrobrás começava a anunciar os novos campos petrolíferos na região do Pré-sal, e já tem confirmado uma reserva 80 bilhões de barris de petróleo, podendo chegar a mais de 100 bilhões de barris. Para se ter uma idéia da importância deste tema observe-se que a reserva total do Brasil antes do pré-sal era de 14 bilhões de barris. Cada barril chegou a valer US$ 140 no período pré-crise, e hoje gira em torno de US$ 68 o barril.

É muito dinheiro e isso desperta a cobiça dos capitalistas que tem utilizado o Estado e o parlamento para aprovar leis que lhes permitam meter a mão nessa riqueza.

Desde o anuncio do Pré-Sal três projetos de leis já foram apresentados sobre a exploração do petróleo. O projeto direto dos capitalistas, que avança na privatização da Petrobrás e a coloca, junto com o pré-sal, nas mãos da burguesia internacional; o projeto do governo que cria a PetroSal, uma agência reguladora que tem a mera função de regulamentar a concessão e os leilões do petróleo, estabelecendo que somente 30% do pré-sal deve ser exclusivamente explorado pela Petrobrás, ficando o restante aos capitalistas; e o projeto dos Movimentos Sociais, que defende uma Petrobrás 100% estatal e pública, pondo fim aos leilões, retomando as áreas já leiloadas, restabelecendo o monopólio estatal na exploração, produção e comercialização do petróleo, com a destinação dos lucros em benefício do povo trabalhador.

> A bandeira de luta da UNE-UBES deve ser pelo fim do repasse de dinheiro público aos empresários, investimentos massivos na educação, e Petrobrás 100 % pública

A UNE-UBES até agora vai caminhando no caminho errado e defendendo o projeto do governo levanta uma esquisita bandeira que diz "50% do pré-sal para a educação", com o objetivo de criar a idéia de com isso teremos dinheiro para a educação, escondendo assim que o governo já destinou só em 2009 R$ 318 Bi para os empresários "enfrentarem" a crise, e ainda R$ 125 Bi de juros da dívida pública, enquanto a educação recebeu só R$ 48 Bi. (ver artigo A educação está doente, pg 15 nesta edição).

A bandeira de luta da UNE-UBES deve ser pelo fim do repasse de dinheiro público aos empresários, investimentos massivos na educação, e Petrobrás 100% pública com os lucros destinados 100% às necessidades do povo!

Como organizar a luta? Construindo Comitês em defesa da Petrobrás 100% pública em aliança com os trabalhadores e a juventude para pressionar que as entidades e organizações saiam às ruas para impor a aprovação do projeto dos Movimentos Sociais. Foi esta a decisão que a JR tomou junto com os trabalhadores no Seminário realizado na Flaskô (ver pg 2 nesta edição).

Comitês para barrar os aumentos de tarifa

Comitê Nacional da JR
contato@revolucao.org

Final de ano e inicio do seguinte é sempre um momento oportuno para a burguesia e seus representantes nas prefeituras aumentarem as tarifas nos transportes públicos (ônibus, trens, e metrôs). É sempre assim, eles aproveitam o recesso escolar e o clima de fim de ano para reajustar as tarifas de forma a evitar mobilizações.

O aumento da tarifa do transporte público insere-se na lógica do capital de quebrar direitos e conquistas da classe trabalhadora e da juventude. Cada vez que os empresários aumentam o valor do transporte, fica mais difícil aos filhos dos trabalhadores o acesso ao lazer, a cultura, à arte, ao desporto e inclusive às atividades educacionais, pois tudo depende da necessidade de se locomover, principalmente nos grandes centros urbanos.

Mas o transporte público, principalmente os ônibus, é de total responsabilidade das prefeituras, conforme diz a lei:

> "Compete aos Municípios: organizar e prestar, diretamente ou sob regime de concessão ou permissão, os serviços públicos de interesse local, incluído o de transporte coletivo, que tem caráter essencial;" (Art. 30, parágrafo V, Constituição Federal)

Ou seja, as prefeituras, apesar de legalmente poderem privatizar, através da concessão, detem o direito e podem operar o transporte de forma 100% público, mas, em geral, acabam funcionando como meras agências reguladoras, que, por meio das Secretarias de Transportes somente monitoram as concessões às empresas privadas, como agencias e extensões das empresas.

Com o sistema de transportes nas mãos dos capitalistas é evidente que sempre ocorrerão aumentos atrás de aumentos, e o serviço oferecido cada vez mais precarizado, pois a lógica é sempre maximizar os lucros.

A saída que a juventude tem para romper essa lógica está em sua organização e mobilização para barrar os aumentos, lutando por transporte 100% público onde a principalidade esteja no atendimento das necessidades de locomoção dos trabalhadores e da juventude. Esta luta se combina com a luta pelo Passe-Livre Estudantil, pois trata-se do acesso à educação e isso não pode ser cobrado. Ao mesmo tempo se combina com os direitos e respeito aos idosos, portadores de deficiências, por conforto aos usuários, e com os direitos dos trabalhadores.

Para impulsionar estas lutas a JR da Esquerda Marxista propõe que em todas as escolas e faculdades, nos bairros, sejam organizados Comitês de Luta pelo transporte público, combatendo por comitês de unidade entre os estudantes e os trabalhadores, preparando-nos para organizar manifestações em 2010 com mobilizações massivas. Entre em contato com a Juventude Revolução (contato@revolucao.org) e veja como organizar a luta contra os aumentos das tarifas e pelo Passe-Livre.

Auxílio-moradia não chega aos desabrigados

A infinita espera de uma nova moradia

Cynthia Maria Pinto Da Luz
cynthiapintodaluz@terra.com.br

Em novembro de 2008, Santa Catarina sofreu a maior catástrofe ambiental do Sul do Brasil. Foram 80 mil desabrigados, 135 pessoas mortas e muitas famílias que perderam definitivamente suas casas. Um ano depois, o cenário está pronto para a repetição da tragédia, as condições socioambientais, a falta de política habitacional e de uso e ocupação do solo persistem.

No campo da prevenção, nada mudou. Os órgãos de defesa civil continuam incapazes de oferecer medidas de prevenção ou mesmo atenderem adequadamente desastres desse porte, e as verbas públicas destinadas à recuperação de danos não chegaram da forma anunciada.

Agora, completando um ano da tragédia, a situação mais grave é das famílias que estão amparadas pelo auxílio-moradia, em virtude da impossibilidade de retornarem às casas completamente destruídas por deslizamentos.

Em Joinville, são 135 famílias com renda de até três salários mínimos que recebem o auxílio do poder público municipal utilizado para pagar aluguel, já que as casas continuam interditadas pela Defesa Civil.

Ocorre que o benefício está para ser cortado em dezembro e a Prefeitura ainda não decidiu se o mantém. Caso isso aconteça, às vésperas das festas de final de ano, teremos um triste desfecho, com pessoas sendo novamente penalizadas pela tragédia em pleno Natal.

> Os órgãos de defesa civil continuam incapazes de oferecer medidas de prevenção ou mesmo atenderem adequadamente desastres desse porte

Em virtude de problemas de ordem legal, o auxílio-moradia não pode ser prorrogado, mas pode ser criada uma modalidade alternativa como o auxílio eventual, disponibilizado até que essas pessoas sejam incluídas em projetos habitacionais, como é aguardado.

Brusque, por exemplo, é bem menor do que Joinville, mas a Prefeitura optou por pagar o benefício para 150 famílias até que sejam realocadas nos projetos habitacionais em andamento.

Enfim, não se pode aceitar é que a população vitimada pelas cheias seja novamente prejudicada pela morosidade e burocracia que impedem as pessoas de retomarem suas vidas.

O vídeo do Projeto SOS Comunidade, "Santa Catarina - Um Ano Depois", disponível em www.centrodireitoshumanos.org.br/sos_video.htm, mostra a dor e o abandono do povo catarinense um ano após as enchentes.

Cesare Batistti Livre!

José Carlos Miranda
zcm4@hotmail.com

No dia 24 de novembro participamos do Ato Debate em solidariedade ao pedido de asilo político e a liberdade imediata de Cesare Batistti. O ato foi realizado no Sindicato dos Jornalistas de São Paulo.

Independente das opiniões políticas do militante, é um dever de todos que se reivindicam do socialismo e da democracia, exigir do Governo Lula a não extradição de Cesare Batittti ex militante guerrilheiro nos anos setenta na Itália.

PARA ENTENDER O CASO

Cesare Battisti (Sermoneta, 18 de dezembro de 1954) é um escritor e ex-militante de extrema esquerda italiano. Integrou os Proletários Armados pelo Comunismo (PAC), grupo que esteve ativo na Itália no fim dos anos 1970.

Num julgamento á revelia e com provas e testemunhas duvidosos, em 1987, Battisti foi condenado pela justiça italiana à prisão perpétua, com privação de luz solar, pela autoria direta ou indireta dos quatro homicídios atribuídos aos PAC - além de assaltos e outros delitos menores, igualmente atribuídos ao grupo. Viveu na França, onde trabalhou como escritor, editor e zelador de um prédio. Por duas vezes, reiterados pedidos de extradição foram negados pela Corte de Acusação de Paris, até que, em fevereiro de 2004, o Conselho de Estado da França analisou novo pedido e autorizou que Cesare Battisti fosse extraditado. Porém, antes que o decreto fosse assinado, Battisti fugiu, em 24 de agosto de 2004. Foi preso em 18 de março de 2007 no Brasil, por conta de mandado de prisão preventiva para fins de extradição (PPE 581) expedido pelo Supremo Tribunal Federal.

A extradição foi solicitada em maio de 2007, pelo governo da Itália ao ministro da Justiça, Tarso Genro, que encaminhou o pedido de extradição (EXT 1085) ao STF .

Em 13 de janeiro de 2009, o governo brasileiro concedeu asilo político a Cesare Battisti. Posteriormente, o governo da Itália impetrou mandado de segurança junto ao STF, contra a decisão do governo brasileiro.

Battisti permanece preso no Complexo Penitenciário da Papuda, em Brasília, até a conclusão do julgamento pelo Supremo Tribunal Federal. Em 18 de novembro de 2009 o STF autoriza extradição de Cesare Battisti para a Itália, porém delibera que a responsabilidade da extradição é do poder executivo. Em 14 de novembro Cesare entrou em greve de fome, interronpendo-a em 25 de novembro.

Thiago do comitê Cesare livre DF; Celso Longaretti ex preso político, Taiguara comitê São Paulo; José Carlos Miranda Esquerda Marxista; Alípio Freire Brasil de Fato e Aton Fon Consulta Popular

A educação está doente no Brasil

Há uma campanha para jogar a culpa pela má qualidade da educação nas costas dos professores

Alex Minoru
alexminoru@yahoo.com.br

Em todo o mundo, trilhões de dólares saíram dos cofres públicos na tentativa de estancar a crise econômica. No Brasil, apesar de termos um presidente do Partido dos Trabalhadores, a receita seguida foi a mesma de Obama, Gordon Brown e de tantos outros governantes empenhados em salvar o capitalismo. Estima-se que em nosso país, mais de 300 bilhões de reais já foram parar nas mãos de banqueiros, empresários e multinacionais.

Essa conta precisa ser paga, e já está sendo paga pelos trabalhadores. A destinação de dinheiro público para os capitalistas significa diretamente cortes de verbas para educação, saúde, moradia, cultura, etc. Cortes naquilo que os trabalhadores conseguiram arrancar do Estado com sua luta.

> O FUNDEB apresenta-se como um formato insuficiente para garantir as verbas necessárias à educação

Façamos os cálculos, em pouco mais de um ano já foram destinados aos capitalistas, no Brasil, mais de 300 bilhões de reais, enquanto o orçamento previsto para a educação em 2009 é de 41,5 bilhões e o da saúde 59,5 bilhões. Educação e Saúde juntas somam menos de 1/3 do que foi dado para burguesia! Os fatos demonstram que a velha desculpa de que não existe dinheiro para investir em saúde e educação é uma grande mentira.

ANALFABETISMO

O analfabetismo no Brasil continua alto, o IBGE calcula a taxa de analfabetismo e constata que 9,8% da população com mais de 15 anos é analfabeta (dados de 2008), em 2007 a taxa era de 9,9%, uma diminuição insignificante. Em números absolutos o total de analfabetos aumentou de 14,14 milhões para 14,25 milhões de adultos entre 2007 e 2008. A região nordeste é a que mais sofre com o problema, taxa de 19,4%.

Os analfabetos funcionais, segundo os critérios do IBGE pessoas com mais de 15 anos e menos de 4 anos de estudos completos, chegam a 21% da população no Brasil.

Dinheiro, muito dinheiro para os banqueiros e migalhas para a educação, esse é o resultado. A Venezuela, um país mais pobre que o Brasil, conseguiu erradicar o analfabetismo em 2005. A Bolívia, um país muito mais pobre que o Brasil, anunciou em 2008 que está livre do analfabetismo.

OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO ESTÃO ADOECENDO

Os profissionais da educação sofrem em todo o Brasil com os baixos salários, uma jornada excessiva, e ausência de estrutura para que possam desenvolver um bom trabalho.

São inúmeros os casos na categoria de depressão, pânico, problemas nas cordas vocais, LER (Lesão por Esforço Repetitivo), etc. Os professores, peça fundamental para a qualidade da educação, a cada dia estão mais doentes.

Os governos e a imprensa, de uma forma cruel, fazem uma campanha para jogar a culpa pela má qualidade da educação pública nas costas dos professores.

O governo Lula, ao invés de ir contra essa lógica e defender os trabalhadores da educação, institui em 2008 um Piso Salarial Nacional do Magistério de R$ 950,00 para uma jornada de 40 horas semanais. Um valor que não contribui em nada para a valorização do educador (veja mais sobre o Piso no JLC 26).

LUTAR POR MAIS VERBAS PARA A EDUCAÇÃO

Sem um investimento maciço do Estado na educação, o sucateamento que aflige todo o sistema público de ensino vai se aprofundar. Isso só favorece os donos de escolas particulares, que teriam seus lucros fortemente reduzidos se a educação pública fosse de qualidade.

> Hoje o Brasil investe, no total, 4,6% do PIB em educação, a própria UNESCO recomenda ao país que invista 8% do PIB

O FUNDEB (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação) apresenta-se como um formato insuficiente para garantir as verbas necessárias à educação. Ao vincular a receita do Fundo a porcentagens

de arrecadação de impostos de municípios e estados, fica sujeito às flutuações da economia. A crise econômica, por exemplo, provocou um corte de 10% no valor previsto para o Fundo. Além dos cortes já impostos pela Lei de Responsabilidade Fiscal.

Hoje o Brasil investe, no total, 4,6% do PIB em educação, a própria UNESCO recomenda ao país que invista 8% do PIB neste setor. Um bom passo adiante seria o que alguns sindicatos e parlamentares defendem: os 10% do PIB para a educação, o que significaria 290 bilhões de reais em 2009.

Mas para virar o jogo, é preciso que o governo rompa com a burguesia e seus partidos, apóie-se no povo para atender as nossas reivindicações. Essa é a nossa luta para a educação pública viver dias mais felizes.

Um grito desesperado de um professor anônimo de MG

No lugar onde eu moro professor do estado não é valorizado;

Do lugar de onde eu venho tenho curso superior específico para lecionar e meu piso salarial é de R$ 545,00;

No lugar de onde eu venho estou há mais de 10 anos sem ter reposição salarial;

É neste mesmo lugar que o Governo de Minas diz não ter dinheiro em caixa para melhorar o salário dos professores, mas gasta dinheiro o tempo todo com propagandas fictícias na TV sobre educação em horário nobre;

No lugar onde eu vivo ninguém nunca viu nenhum professor estadual na TV sorrindo e falando bem da situação que passam;

Do lugar de onde eu venho os professores estão humilhados e passando dificuldades financeiras;

E é neste mesmo lugar que toda semana tem relatos de agressão a professores dentro da escola.

Professor não se cale mais, a internet é uma rede mundial de computadores, faça também o seu protesto.

Obrigado a todos.

Os trabalhadores: somos uma unica classe!

No ultimo dia 26 de novembro o coordenador do MNS - Movimento Negro Socialista, José Carlos Miranda, participou de uma Audiência Pública no Senado onde se posicionou contra o que ele mesmo qualifica de idéia reacionária sobre o estatuto racial. Entrevistamos o companheiro logo após a audiência.

Redação Jornal Luta de Classes
jornal@marxismo.org.br

JLC: A que se deve o posicionamento do MNS contrário ao Estatuto da Igualdade Racial?

Miranda: Em primeiro lugar, ressaltamos que o racismo existe, ele é fruto dos tortuosos caminhos em busca do lucro, é uma ideologia de dominação que, como outras opressões da sociedade de classes, tem a função objetiva de justificar uma exploração injustificável..

Para os socialistas, a divisão fundamental da sociedade é entre explorados e exploradores, entre latifundiários e sem terra, entre operários e burgueses, finalmente entre uma ínfima minoria que tudo tem e a imensa maioria que só tem sua força de trabalho e luta diariamente contra as desigualdades econômicas e sociais do sistema capitalista.

> Com o pretenso motivo de combater o racismo, o estatuto cria as bases políticas que acabam por aprofundá-lo. É como apagar um incêndio com gasolina

Com o pretenso motivo de combater o racismo, o estatuto cria as bases políticas que acabam por aprofundá-lo. É como apagar um incêndio com gasolina.

A nova redação aprovada novamente na Câmara dos Deputados, diga-se de passagem, por acordo, portanto sem a necessidade de votação nominal dos deputados, mantém um artigo que dá preferência para empresas que aplicarem a política de cotas raciais e tem relações comerciais com os órgãos públicos, ou seja, privilegia trabalhadores "negros" com a mesma condição social em lugar de outros trabalhadores "brancos"..

Essa lei só pode beneficiar os patrões, que contratando "negros", em detrimento de trabalhadores "brancos", utilizando de uma pretensa "discriminação positiva", jogará trabalhadores contra trabalhadores e, seguramente, continuará explorando ainda mais a todos...

Imaginemos os sindicatos discutindo as demissões, contratações, dissídios coletivos com imposição da "cota racial". Logo os sindicalistas estariam realizando Assembléias dos trabalhadores brancos separadas das Assembléias dos trabalhadores negros. Só este exemplo é suficiente para demonstrar que essa lei só aprofundará o racismo já existe, dividindo os trabalhadores, criando mais um obstáculo para a construção da unidade em defesa de suas reivindicações imediatas e históricas. A única "reparação" legítima para os trabalhadores é: menos recursos para os banqueiros e mais recursos para os serviços públicos, vagas para todos, redução da jornada e aumento dos postos de trabalho e na educação, verbas para a educação pública e vagas para todos, fim dos recursos públicos aos tubarões do ensino.

JLC: Nesse sentido, quais são as propostas do MNS?

Miranda: Em primeiro lugar, travar um combate para enterrar de vez a crença de que existem "raças humanas". A luta contra o racismo é uma luta de todos. O racismo é uma ideologia, e como dissemos anteriormente, com uma função objetiva foi fundamentado "cientificamente" durante certo período, por isso é tão enraizado.

O Brasil, pelo menos desde a década de 30, nunca chegou a racializar as relações sociais, ele [o racismo] sempre ficou disfarçado, escondido. O sincretismo cultural e a miscigenação foram tão fortes no Brasil que mantiveram essa tradição. Porém, ele [o racismo] existe e sempre aparece nos momentos de tensão social, em especial nos órgãos de repressão e na burocracia estatal e privada. Por isso, temos que continuar um combate cotidiano contra o racismo.

Miranda fala na audiência pública

O racismo é crime, portanto, cadeia para os que cometem esse crime! É necessário que os governos tenham políticas públicas permanentes que ressaltem a igualdade de todos, ou seja, a igualdade de direitos. .

Nós poderíamos resumir que quanto mais igualdade de direitos, portanto de meios materiais, menos opressão, menos racismo.

> Essa lei só pode beneficiar os patrões, (...) jogará trabalhadores contra trabalhadores e, seguramente, continuará explorando ainda mais a todos

JLC: Uma última pergunta, qual sua opinião sobre o 20 de novembro Dia da Consciência Negra?

Miranda: A luta de Zumbi, é a maior expressão da luta dos quilombos contra a opressão colonial portuguesa. É um fato histórico que deve ser lembrado e rememorado como um exemplo de luta do povo oprimido e explorado deste país. Por isso defendemos o feriado de 20 de novembro como um dia de luta.

De um lado os trabalhadores, de outro lado as ONG's, governos e empresas. E para comemmorarem organizam shows e "paradas negras", desfigurando completamente qualquer relação com a heróica luta dos quilombos e de Zumbi. A banalização da luta contra o racismo só levará à completa descaracterização desta data, transformando-a em mais um feriado de descanso e lazer.

No último 20 de novembro, a ONG Afrobras controladora da Unipalmares – Universidade para negros – promoveu, com patrocínio de grandes bancos e empresas, a entrega de troféus para os "negros em destaque" e aos não negros que ajudaram na causa negra, o presidente do Banco Itaú e da Natura foram alguns dos homenageados.

Essa turma não poupa esforços em construir um herói do "povo negro" e criar uma " história" onde existem os negros oprimidos contra os opressores brancos, apagando a luta de classes. Zumbi não pode ser utilizado para isso: opor a chamada "consciência negra" á consciência de classe!

Daqui á pouco, vão oferecer alguma "lembrancinha" aos negros, como fazem as empresas no dia 8 de março, dando rosas às mulheres, para que se esqueçam dos massacres e atrocidades cometidas contra os trabalhadores e trabalhadoras.

Artistas, Arte e Revolução*

Movimento 27 de Março (Trabalhadores da Cultura) em manifestação na Av. Paulista - SP

Mario Conte Cosentino Filho
mariocontef@yahoo.com.br

O poeta francês André Breton notou a insuficiência para a revolução em se engajar exclusivamente pela arte e, em 1938, lançou o "*Manifesto por uma Arte Revolucionária Independente*", escrito com Leon Trotsky e assinado com Diego Rivera, pintor mexicano. Este texto clama pelo engajamento dos artistas na prática revolucionária, para que a arte possa realmente se livrar das determinações e interesses das ditaduras totalitárias como do mercado capitalista (o ano é 1938 e há ditaduras nazistas e fascistas por toda a Europa, além do stalinismo na URSS e do capitalismo em toda parte a do planeta).

Vencidas as ditaduras totalitárias no final da segunda grande guerra, temos a hegemonia do capitalismo, que se estabelece no senso comum em 1989, após a queda do Muro de Berlim. O capitalismo, em todo modo, ou a variação que se apresente, será sempre um sistema utilitário, onde tudo (inclusive seres humanos) tem um preço e é usado para um fim, que é a geração de lucro e riqueza para os proprietários dos meios de produção. Ao sujeitar tudo e todos o capitalismo os transforma em objetos comercializáveis: as mercadorias. A arte nesse mundo parece algo inútil, incapaz de gerar valor de troca. Porém, na prática, torna-se mais uma mercadoria, quer sob a forma de CDs, DVDs e livros, produzidos em escala industrial; quer em objetos únicos: espetáculos de teatro, ópera, concertos, pinturas e esculturas, todos adquiridos apenas por quem pode pagar caro por eles e consumidos como símbolos de posição social econômica e cultural.

Osvaldo do Movimento 27 de Março (trabalhadores da Cultura) no Seminário na Flaskô

Mas há ainda o artista que se recusa a vender sua criação no mercado, zela por sua independência e busca denunciar a falsidade dos valores da sociedade burguesa. Esse artista se considera revolucionário e critica a burguesia, não só no conteúdo da sua arte, mas se recusando a aderir às formas e fórmulas de arte consagradas por quem ele critica. Fazem assim porque perceberam que, se dispõem de mais liberdade que a maioria, mesmo eles não são livres na sociedade capitalista, onde ninguém é realmente livre.

Por maior valor que contenham estas críticas, e contém muito, o artista engajado deve ir além, colocando-se nas questões do seu tempo integralmente, engajando-se como o ser concreto que é, participando ativamente da prática política, organizando-se coletivamente na luta junto a quem partilha seus pensamentos. Pois toda humanidade só será realmente livre em uma sociedade livre. E essa liberdade será conquistada apenas por meio de ações que transformem radicalmente toda a sociedade. Não se quer aqui desprezar as contribuições dos artistas engajados através da arte, mas conclamá-los para a prática política, pois é ela que resolve os problemas sociais, até o de como de fazer uma arte livre sem se vender para o mercado.

Uma teoria ou arte revolucionária sem prática implica, para o artista, encerrar-se numa "ilha virtual de liberdade", como dizia o físico Mario Schenberg ao se referir aos debates acadêmicos sobre emancipação humana, que não resultavam em nenhuma ação. Iludido em sua "ilha virtual de liberdade", crendo-se já emancipado, porque aparentemente livre em pensamento, mas tão cativo quanto qualquer outro trabalhador no capitalismo, o artista corre o risco de ser assimilado, embalado, etiquetado e estocado na prateleira de bens de consumo destinados aos "descontentes com o sistema". Produz assim uma revolta domesticada que, na impotência de produzir mudanças reais, serve duplamente ao sistema: como mercadoria comercializada e como justificativa da ideologia que prega o capitalismo como sistema livre e democrático, por permitir circulação de críticas a ele. Como Herbert Marcuse descrevia no livro "*A Ideologia da Sociedade Industrial*", esta crítica impotente e sob a forma de revolta domesticada, volta-se contra sua intenção e reproduz apenas uma "necessidade da aparência de uma via alternativa em uma sociedade unidimensional". Por isso, o papel do artista realmente revolucionário é muito maior do que denunciar ou desmascarar as desumanidades do capitalismo através de sua arte. É participar das lutas concretas do seu tempo, tanto quanto cantar, pintar, esculpir, narrar ou encenar estas lutas. Vivenciá-las e colaborar nelas é o que se espera de um artista realmente revolucionário. Por isso encerro atualizando as palavras de ordem proferidas por Trotsky, Breton e Rivera em 1938:

O que queremos:

- **A independência da arte – para a revolução**
- **A revolução – para a liberação definitiva de toda a arte e de toda a humanidade**

> O papel do artista realmente revolucionário é muito maior do que denunciar ou desmascarar as desumanidades do capitalismo através de sua arte. É participar das lutas concretas do seu tempo, tanto quanto cantar, pintar, esculpir, narrar ou encenar estas lutas

Quadro Surrealista de Renê Magritte

* Continuação da edição 26 do JLC

Revolução Chinesa: 60 anos*

Stalin e Mao: inimigos ou simplesmente burocratas?

Wanderci Bueno
wanderci.bueno@gmail.com

Ao final da Segunda Grande Guerra Mundial duas forças saem muito fortalecidas: o imperialismo norte-americano e a União Soviética. Em agosto de 1945, as forças militares soviéticas lançam uma ofensiva contra os japoneses na Manchúria. Isolaram mais de 700 mil soldados japoneses e tomaram parte da Mongólia, Coréia do Norte e várias ilhas. O exército de Chiang estava sempre mais preocupado em combater as tropas vermelhas chinesas do que combater as tropas e o imperialismo japonês. A exemplo do que ocorreu na Europa, quando as tropas vermelhas tomaram a Alemanha e dali poderiam marchar para toda a Europa e Stalin freou essa ação, ato semelhante foi realizado em relação à China.

> Mao relutava e temia entregar as terras aos camponeses, pois ainda perseguia o objetivo de se aliar aos aristocratas que ele qualificava como sendo patrióticos

Na Europa, Stalin fez os acordos para dividir a Alemanha, empalmando a revolução e burocratizando-a. Na China, Stalin sempre buscou fortalecer o Kuomintang e a burguesia nacionalista, no entanto o apodrecimento e a covardia desta burguesia, associadas às suas divisões, abriram espaço para o avanço da poderosa ascensão das massas que vai prolongar-se até 1949.

Ao final da guerra o ELP (Exército de Libertação Popular) estava fortalecido e ainda contava com apoio de Moscou. Stalin remava ora apoiando o KMT (Kuomintang) ora "deixando" o ELP de Mao avançar em várias posições no norte chinês. Mas Stalin não via no PCCh um partido confiável, não acreditava que ele mantivesse os compromissos com Chiang.

Em agosto de 1945, Stalin negocia com Chiang e estabelece um Tratado de Amizade de Aliança Chinês-Soviético, chegando mesmo a sugerir que a insurreição e a tomada do poder fracassariam e que a alternativa seria um governo de coalizão do PCCh e de Chiang. Indica ainda que o PCCh e Mao deveriam dissolver as tropas do ELP no interior das tropas do Exército Nacional e entregar as armas. Mas explode a guerra civil e isso fratura definitivamente a santa aliança.

Moscou ajuda limitadamente o ELP. Os EUA enviam milhões e milhões de dólares para ajudar os nacionalistas de Chiang. O general Marshall chega a duvidar da ajuda que Stalin estaria enviando ao ELP de Mao.

Em toda a China os conflitos seguem avançando de maneira violenta e aos saltos. O ELP tinha se apoderado de grande quantidade de armas abandonadas pelos japoneses e vai impondo derrotas ao Kuomintang, ao Norte. Com isso se apodera de modernas armas que os EUA enviaram aos nacionalistas e ganham confiança de grandes parcelas de camponeses. As tropas regulares de Chiang começam a se esfacelar. Mas ainda eram infinitamente superiores ao ELP.

Em 1946, Mao começa a sentir-se ameaçado pela burocracia soviética. Queria consolidar o poder de sua burocracia e construir um socialismo chinês e não ficar sob o manto de Stalin. Era o embate ainda latente entre duas burocracias que mais adiante ficaria evidente. Mas não se tratava de um embate revolucionário. Eram duas burocracias que defendiam o socialismo em um só país e o controle sobre as massas. Se fossem leninistas, os dois certamente teriam construído a Federação Socialista Chinesa e Soviética e isso seria uma poderosa alavanca para a revolução mundial. Em 1949, Mao é obrigado a ir muito mais longe do que gostaria, mas manteve os Conselhos de Soldados e Camponeses e o PCCh sob punho de ferro, freando e burocratizando a democracia operária e o novo estado que surgia.

> Mao é obrigado a ir muito mais longe do que gostaria, mas manteve os Conselhos de Soldados e Camponeses e o PCCh sob punho de ferro, freando e burocratizando a democracia operária e o novo estado que surgia

A REVOLUÇÃO REBROTA NOS CAMPOS

As tropas do Kuomintang eram muito mais bem equipadas e treinadas do que as do ELP. Tinham muito dinheiro e certamente teriam vitória esmagadora sobre Mao. Entre junho de 46 e junho de 47 controlavam as indústrias e obrigaram o ELP a recuar, tomando-lhe várias posições.

Mao bate em retirada e concentra suas tropas onde tinha base sólida: nas regiões camponesas. Reagrupa suas forças e parte para o contra-ataque. Várias regiões caem sob controle do ELP e este, antes que marchasse para as cidades, agrupa milhares de milhares de camponeses miseráveis que, arrancados da terra pela covarde burguesia nacional, são levados ao combate direto pela reforma agrária.

Mao relutava e temia entregar as terras aos camponeses, pois ainda perseguia o objetivo de se aliar aos aristocratas que ele qualificava como sendo patrióticos. No entanto, a guerra civil e a fome eram implacáveis e as manifestações e autoarmamento mais ainda.

A cada avanço das tropas vermelhas elas vão sendo obrigadas, pela força das massas insurretas, a distribuir terras, arrastando atrás de si milhares de abnegados camponeses que desertam aos milhares das tropas de Chiang. Além disso, quando eram derrotadas pelos vermelhos, os soldados de Chiang não ficavam presos e nem eram torturados, recebiam terras, formação política, medicamentos e alimentos e se tornavam defensores e propagandistas da revolução. As tropas de Mao crescem de maneira formidável.

Preparava-se, assim, a ofensiva final rumo ao poder!

Imagem de Mao venerada como um Deus

* Continuação da edição 26, última parte virá na edição 28.

Ahmadinejad, Peres e Obama: cada um na sua, mas com alguma coisa em comum

Fabiano Stoiev
fabianostoiev@brturbo.com.br

A passagem do presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad pelo Brasil no último dia 23 foi acompanhada por protestos em algumas capitais do país. O que chamava a atenção era a diversidade dos manifestantes, com grupos de defesa dos direitos humanos, militantes GLBT´s, sionistas e outros grupos religiosos. A imprensa deu destaque ao evento e aos críticos do atual regime iraniano.

A revista britânica *The Economist*, em matéria do dia 26/11/09, resumiu bem as preocupações do imperialismo com o *tour* de Ahmadinejad pela América Latina. O presidente iraniano estaria promovendo sua imagem em países como Venezuela, Equador e Bolívia no momento em que "*ele não é bem vindo em muitos países e enfrenta pressão em casa por conta de sua disputada reeleição*". A revista aproveita e manda um recado: "*a receptividade ao "polêmico" líder iraniano põe em risco as pretensões do Brasil em ocupar um espaço mais destacado na política mundial, ao legitimar um governo que desrespeita os direitos humanos e prende políticos da oposição*".

> como marxistas, devemos defender o Irã de um ataque imperialista. O que não significa considerar o governo desse país um aliado do movimento operário. Ele é o contrário disso

A hipocrisia da grande mídia não encontra limites. De fato, há sérias suspeitas de fraude na última eleição presidencial do Irã. Os protestos foram duramente reprimidos, com um saldo de 72 mortes e mais de 4 mil manifestantes presos. Mas os números do presidente de Israel, Shimon Peres, que visitou o Brasil duas semanas antes, são bem mais impressionantes. Em 2008, os ataques à Faixa de Gaza custaram a vida de 1400 palestinos, entre os quais, 300 crianças. Só que nenhum grande meio de comunicação lembrou-se de tratar o presidente israelense como "assassino". O que dizer então do presidente Obama, que ganhou o Nobel da Paz por enviar ainda mais soldados para o Afeganistão?

Os conflitos com o imperialismo estadunidense fazem com que partidos e militantes de esquerda tenham uma postura condescendente ou de simpatia com o regime dos aiatolás. Evidentemente, como marxistas, devemos defender o Irã de um ataque imperialista. O que não significa considerar o governo desse país um aliado do movimento operário. Ele é o contrário disso. A revolução iraniana de 1979 que derrubou a ditadura do Xá Reza Pahlavi foi um movimento de massas, com ocupação de fábricas e de terras, com greves gerais e formação de conselhos (as shuras) de operários, soldados e estudantes. Mas a ascensão do fundamentalismo islâmico, entre 79 e 83, se fez como uma reação às conquistas mais profundas da revolução. Cerca de 30 mil militantes de esquerda foram presos ou assassinados pelos fundamentalistas. 30 anos depois, a desigualdade social avança no Irã.

Não se pode imaginar que os milhões que saíram em protestos nas ruas de Teerã esse ano, nas maiores mobilizações de massas desde a Revolução de 79, façam parte de uma pequena burguesia iraniana pró-ocidente, influenciada pelas agências de inteligência imperialistas, como acusam os aiatolás. Esse ponto de vista subestima a ação independente da classe trabalhadora daquele país. As massas em Teerã eram compostas por trabalhadores e jovens que, para além da questão da fraude eleitoral, saíram às ruas para lutar contra a opressão das minorias nacionais curdas e árabes, e das mulheres; pelo reconhecimento dos direitos sindicais de greve, de mobilização e de organização; e de pão, trabalho, saúde e educação para todos. Obama, Ahmadinejad, Peres. Não importa se vestidos com ternos, batinas ou turbantes, aqueles que se dedicam a imolar a classe trabalhadora no altar do capitalismo serão sempre os nossos inimigos.

Venezuela: confusões, saltos e zig-zags

Wanderci Bueno
wanderci.bueno@gmail.com

Recordo-me de que quando estive na Venezuela, junto com a companheira Maritânia da CIPLA de Joinville, no final do ano de 2006 viemos ao Brasil e juntos com Serge Goulart e Alan Woods tomamos a decisão de levarmos para a Venezuela, aos nossos companheiros da CMR, a proposta de redigirmos um Manifesto/Abaixo assinado, onde declarávamos a adesão da CMR ao partido em construção.

De volta para a Venezuela, ainda intervindo na luta da fábrica ocupada Sanitários Maracay, no estado Arágua, passamos a elaborar o Manifesto junto com os companheiros da CMR. Alguns estavam meios céticos. Maritânia queria destacar no texto a necessidade do partido ser democrático, eu queria destacar que o partido deveria ser um partido sem patrões. Carlos da direção da CMR parecia indiferente. Como nós éramos de fora e ainda não havíamos integrado a CMR, nos pareceu uma gentileza do camarada.

Eu e Maritânia chegamos a um acordo, ajeitamos as duas coisas, partido sem patrões e democrático. Saímos a recolher assinaturas em Maracay onde eu estava e em Caracas onde ela estava. Algum tempo depois abri discussões com os companheiros Parra, Argenis e Eulisses, ampliamos os debates, agregamos as companheiras trabalhadoras da fábrica Gotcha e apresentamos uma contribuição ao encontro de Arágua.

Naquela contribuição falávamos da necessidade de destruir o Estado burguês e erguer um Estado Operário e Camponês, para acabar com a grande propriedade privada dos meios de produção e varrer a burocracia, inclusive a sindical.

Esse documento se perdeu em alguma licoreria, quando Argenis e Eulisses tomavam seus costumeiros tragos.

Certo dia eu estava em Caracas, quando uma camarada perguntou-me se eu era a favor do PSUV. Respondi que sim. Ela meteu a mão na bolsa e me passou um documento para que eu o lesse. Era o documento que tínhamos elaborado em Maracay.

Agora, nesse Congresso que se realizou, Chávez falou da necessidade de construir um novo partido mundial, uma nova Internacional, a Quinta. E o engraçado é que reuniu gente do PT, do PDT, PC, PCdoB, todos do Brasil, com partidos Comunistas, Socialistas, Social Democratas, partidos nacionalistas burgueses e sabe-se lá que mais. Será que Chávez bebeu cerveja junto com Eulisses e Argenis?

Dito pelo não dito o certo é que Chávez jamais leu o texto que fizemos em Maracay, mas certamente leu Alan Woods que acompanhou de perto o Congresso do PSUV. E isso me alegra muito, mas não me tranquiliza. Esperemos os desdobramentos nesse doido tropel!

Povo hondurenho combate a farsa eleitoral dos golpistas

Vana Goulart
vanag@terra.com.br

O índice de abstenção de quase 70% nas eleições em Honduras, em 29 de novembro, demonstrou o fracasso da farsa eleitoral organizada pelo governo golpista de Micheletti, endossada pelo governo de Barack Obama.

Mostra também o erro de Zelaya ao aceitar o quadro de negociações engendrado por Oscar Arias da Costa Rica, cujo resultado foi o acordo espúrio que tentou legitimar essas eleições.

Enquanto o povo hondurenho resiste e continua a sofrer uma repressão brutal, com centenas de feridos, desaparecidos e mortos, o candidato golpista Porfírio Lobo é reconhecido pelos EUA e pelos governos fantoches da América Latina.

Jorge Martín, dirigente da Corrente Marxista Internacional, explica que:

"o heroico movimento das massas hondurenhas dos últimos quatro meses não foi em vão. Conseguiu criar estruturas organizativas fortes e vínculos sólidos entre a camada ativa e as massas. O movimento de massas comprovou na prática seu próprio poder e força. Acima de tudo, o nível de consciência experimentou um salto gigante. Nada disto será perdido, independentemente do curso dos acontecimentos nas próximas semanas". (texto completo em www.marxismo.org.br)

A Frente Nacional de Resistência, logo após o fechamento das urnas, fez um comunicado declarando que a farsa eleitoral montada pela ditadura foi derrotada e conclamando o povo a continuar a luta nas ruas, nos bairros, em todos os cantos do país, para organizar as próximas ações e preparar a campanha por uma Assembléia Nacional Constituinte.

Nem as armas intimidam a força ds mobilizações contra o golpe

Manifestante coordena agitação pelo boicote

Polícia de Micheletti cerca manifestantes pró Zelaya

COMUNICADO N° 40

Frente Nacional de Resistência Popular Contra o Golpe de Estado

Com plena satisfação anunciamos ao povo hondurenho e à comunidade internacional que a farsa eleitoral montada pela ditadura foi contundentemente derrotada devido ao fraquíssimo comparecimento de votantes às urnas, a tal ponto desmoralizante que o Tribunal Eleitoral golpista teve que prorrogar a votação em uma hora a mais - até as 17 horas.

Só não enxerga quem não quer ver. O monitoramento que nossa organização realizou em nível nacional nos mostra que o índice de abstenção é, no mínimo, entre 65% e 70%, o mais alto em toda história nacional, o que implica que apenas votou um máximo de 30% a 35% do eleitorado. Desta forma o povo hondurenho castigou os candidatos golpistas e a ditadura, que agora está em apuros para mostrar à opinião pública internacional um volume de votantes que não existiu.

Denunciamos que para fazerem isso recorreram a manobras fraudulentas como a entrada de salvadorenhos ligados ao Partido ARENA, trazidos para votar em nosso país, tal qual foi denunciado pelos camponeses no município de Magdalena, Intibucá. Devemos esperar também que busquem aumentar o número de votantes por meio da manipulação eletrônica.

O desespero do regime é tanto que reprimiu brutalmente a manifestação pacífica que se realizou em San Pedro Sula, na qual teve vários companheiros feridos, golpeados e presos; e há também um desaparecido. Entre os feridos informa-se que há um repórter da agência de notícias Reuters e também relatam que houve prisões de religiosos do Conselho Latino Americano de Igrejas que trabalhavam como observadores dos direitos humanos.

Considerando que este resultado representa uma grande vitória do povo hondurenho, a Frente Nacional de Resistência convida todo o povo de Honduras para em resistência realizar no dia de amanhã (30/11) a comemoração da derrota da ditadura.

Convocamos em Tegucigalpa uma Grande Assembléia no dia 30, a partir do meio-dia na sede do STYBIS e uma grande Caravana da Vitória contra a Farsa Eleitoral a partir das 15 horas com saída do Planeta Cipango.

Tegucigalpa, 29 de Novembro de 2009.
Comunicado 40.